

Editorial

A CONFERÊNCIA NACIONAL DO PCP E O 55.º ANIVERSÁRIO

Quase como um «fim de festa» das expressivas comemorações do seu 55.º aniversário, o PCP vai realizar no próximo domingo a sua Conferência Nacional.

Durante a última semana manifestações de natureza diversa assinalaram de maneira significativa a força e a vitalidade do PCP, a sua ligação com as massas, a sua eterna juventude, a sua responsabilidade política como grande Partido nacional.

Muitas dezenas de milhares de portugueses festejaram de norte a sul o aniversário do seu Partido, com expressão máxima no grande comício do Campo Pequeno, em que mais de 40.000 pessoas se comprimiam dentro e fora do recinto num ambiente de alacridade e confiança; milhares de jovens trabalhadores de todo o país rapazes e raparigas, vieram até a Amadora participar no II Encontro Nacional da União das Juventudes Comunistas; finalmente, representando 21 círculos eleitorais do Continente, das Ilhas e da Emigração, mais de 250 candidatos a deputados comunistas fizeram os seus registos com vista às eleições de 25 de Abril.

Três formas de afirmação de um grande Partido proletário para o qual se volta hoje a esperança de milhões de portugueses.

(Continua na pág. 2)



COMEMORADO VIBRANTEMENTE EM TODO O PAÍS O 55.º ANIVERSÁRIO DO NOSSO PARTIDO

●Comunistas e amigos e simpatizantes do PCP assinalaram com diversas iniciativas 55 anos de luta pela defesa dos interesses da classe operária e de todos os trabalhadores

De Norte a Sul do país, desde as pequenas aldeias às grandes cidades, o 55.º aniversário do Partido Comunista Português foi entusiasticamente comemorado. Houve festas e comícios, canto livre e espectáculos, debates e sessões de esclarecimento.

Herdeiros de uma longa e inigualável tradição de luta, os comunistas evocaram jornadas do passado, homenagearam velhos combatentes que, alguns, sacrificaram a própria vida na defesa dos interesses do Povo Português. Ao mesmo tempo, debateram o presente, analisaram a situação actual e discutiram a participação do Partido nas grandes jornadas de hoje e do futuro.

As comemorações do aniversário do Partido tiveram alegria e entusiasmo, mas foram também horas de reflexão, apontadas para a solução do período difícil que a Revolução atravessa.

Aos olhos de todos os democratas e antifascistas sinceros, o Partido Comunista Português reforçou assim a sua imagem de factor indispensável para a democratização do país, força organizada e mobilizadora da classe operária e de todos os trabalhadores — o grande partido da esquerda.



Pág. 8

PATRIOTAS ANGOLANAS EM LISBOA NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

ENCONTRO NACIONAL DA UJC

Pág. 9

- O encerramento do Congresso do PCUS
- O «pluralismo» de certa imprensa estatizada
- O dr. Jorge Campinos e os sindicatos
- Cientista soviético em Portugal
- O PCP contra o aumento do custo de vida
- O que significa «os seguros ao serviço do povo?»
- Semana da RDA em Portugal
- Estreitamento de relações entre o PCP e a Liga dos Comunistas Jugoslavos



Editorial

A CONFERÊNCIA NACIONAL E O 55.º ANIVERSÁRIO

(Continuação da pág. 1)

Discutir a participação dos comunistas nas próximas eleições é o ponto único da Conferência Nacional do PCP.

De 1000 delegados de todas as organizações do Partido irão debater e definir os objectivos da campanha eleitoral dos comunistas para as eleições para a Assembleia Legislativa constituem no imediato a principal batalha política que decidirá da vida do País para os anos mais próximos.

Nenhum português progressista e consciente pode alhear-se desta batalha e dos seus resultados. A direita reacção, interessada na liquidação da revolução e na reinstauração do fascismo em Portugal, afia já as suas armas e prepara as suas baterias para obter através do voto o que a legitimidade revolucionária do 25 de Abril até agora lhe negou — a reconquista do poder.

A direita reacção não interessa a livre expressão da vontade esclarecida dos portugueses por meio do voto. As fascistas e fascizantes que se acobertam sob a capa do PPD e do CDS ou se enfeitam com a estrela vermelha do MRPP ou da AOC, o que realmente interessa é arrancar, mesmo à custa do terror e da fraude, o número de boletins de voto precisos para lhes abrir as portas do poder.

Em vastas zonas do Continente e das ilhas os caciques e caceteiros dos partidos da direita reacção instauraram já de facto, por meio da violência, situações de autêntica supressão das liberdades. As condições para grandes fraudes estão criadas com complicitade de agentes da direita aliados no aparelho de Estado.

Os terroristas e bandidos fascistas organizados e perfeitamente conhecidos têm gozado da protecção ou da indiferença cúmplice de autoridades que tinham o dever de agir com energia e prontidão para salvar a face da democracia portuguesa.

Situações destas — se não forem liquidadas a tempo e com a necessária decisão — influirão negativamente no acto eleitoral e não poderão deixar de motivar impugnações lá onde resultados tenham sido obtidos por forma fraudulenta.

Mas mesmo nas zonas negras, onde imperam ainda a violência e a intimidação fascistas vê-se crescer a determinação de defender as liberdades, de assegurar o livre exercício da vontade popular, de afirmar por meio do voto o decidido repúdio do passado, da ditadura fascista.

E há então as poderosas fortalezas da liberdade disseminadas pelo território nacional onde as ambições da direita reacção se quebrarão — são as fortalezas da classe operária, dos trabalhadores da cidade e do campo, de todos os homens e mulheres progressistas que se unem cada vez mais para barrar o caminho ao fascismo e edificar em Portugal uma vida democrática feliz e livre.

A Conferência Nacional do Partido será uma potente afirmação dessa vontade popular de erguer uma barreira contra a direita reacção. A cara política e de classe do PCP irá mostrar-se aí nas discussões, nas decisões da Conferência e de forma bem expressiva na condição e representatividade dos camaradas — homens, mulheres e jovens rapazes e raparigas — que nela irão participar.

Aí estarão dos obreiros mais destacados do movimento popular nas suas diversas expressões: diligentes organizadores operários; cooperativistas e pioneiros da Reforma Agrária; pequenos e médios agricultores, empregados técnicos e homens de ciência, da cultura e das artes — revolucionários representativos de um grande colectivo de revolucionários que ultrapassa já o número de cem mil.

Bem podem os reacçãoários de todos os matizes assestar as suas baterias contra os comunistas portugueses. O PCP não pode ser destruído porque é a própria expressão da indestrutibilidade da classe operária, o PCP é forte porque mergulha as suas raízes nas mais amplas massas populares.

Partido da liberdade e da democracia, partido dos trabalhadores, partido da Reforma Agrária e dos pequenos e médios agricultores, partido da reconstrução independente da economia, rumo ao socialismo, partido da independência nacional, o PCP vai afirmar-se na Conferência como o grande partido da grande alternativa democrática e de esquerda.

O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA PODE E DEVE SER TRAVADO

O nosso PARTIDO diz não ao aumento do custo de vida e desde há muito que apresenta soluções imediatas para travar a carestia, que se integra na política antipopular que atinge o povo português

O aumento brutal de certos produtos de amplo consumo popular ligado ao congelamento de salários, provocou um súbito agravamento das condições de vida das classes trabalhadoras e de muitos outros sectores da população portuguesa.

Perante a reacção imediata do nosso povo a tal política antipopular, os partidos que detêm a hegemonia no Governo e o controlo dos departamentos estatais directamente responsáveis pelos aumentos apressaram-se a sacudir a água do capote e a lançar as culpas para cima dos anteriores Governos Provisórios e do PCP. Apesar das críticas que possam ser feitas aos Governos Provisórios anteriores — nos quais o PCP nunca teve lugares nas pastas de Finanças e da Economia — a verdade é que o abastecimento da população e o poder de compra dos trabalhadores foi sempre defendido; garantiu-se o abastecimento, estabeleceram-se os preços, baixou a taxa de inflação.

AGRAVAMENTO DA SITUAÇÃO

Entretanto, acontece que: — O que em Janeiro de 1974 custava 100\$000 custa hoje 189\$700. — Se os preços tivessem continuado a subir à média que estavam a aumentar antes do 25 de Abril, o que em Janeiro de 1974 custava 100\$000, custaria hoje 430\$000.

— Se subissem à média que aumentaram após os primeiros meses que se seguiram ao 25 de Abril (1.º e 2.º Governos Provisórios), o que em Janeiro de 1974 custava 100\$000 custaria 162\$500.

— Se subissem à média que aumentaram entre Janeiro e Setembro de 1975 (3.º, 4.º e 5.º Governos Provisórios), o que em Janeiro de 1974 custava 100\$000 custaria hoje 153\$000.

Contrariamente ao que afirmaram o CDS, o PPD e certos dirigentes do PS, a política antipopular que está a ser posta em prática não é a única alternativa que se põe ao país para o fazer sair da crise económica em que se debate. Muito pelo contrário, tal política contribuirá para agravar a

actual situação, na medida em que provocará o aumento do desemprego e a multiplicação de falências das pequenas e das médias empresas.

A NOSSA POSIÇÃO

O PCP defende uma política de austeridade que atinja no fundamental os ricos. O PCP defende uma política que, utilizando de uma forma planeada o poder económico que foi posto nas mãos da colectividade através das nacionalizações e da Reforma Agrária, aumente rapidamente a produção nacional, diminua a nossa dependência do estrangeiro e permita uma melhor e maior satisfação das necessidades materiais do povo português. O PCP defende uma política económica de apoio concreto aos pequenos e médios agricultores, industriais e comerciantes, fornecendo-lhes meios financeiros de que necessitam, assegurando-lhes o escoamento certo da sua produção a preços compensadores e a ajuda técnica de que necessitam. O PCP defende uma política salarial e de preços em que as condições de vida das classes trabalhadoras e de outros sectores da população sejam firmemente defendidas.

E propomos soluções: 1 — Actualização periódica dos salários e vencimentos em correspondência com o aumento dos preços. Prosseguimento de critérios de justiça social nas revisões a efectuar, com prioridade para os trabalhadores mal pagos.

2 — Prosseguimento da contratação colectiva entre os sindicatos e entidades patronais e obrigatoriedade de cumprimento dos contratos colectivos de trabalho.

3 — Melhoramentos dos benefícios sociais (pensões, abonos, assistência médica, etc).

4 — política de luta contra o desemprego na indústria e na agricultura. Proibição dos despedimentos sem justa causa. Estimulo à criação de postos de trabalho. Abertura de obras públicas. Subsídios.

5 — Contenção do aumento dos preços de géneros de primeira necessidade e das rendas de casa.

A FALTA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS — PROBLEMA AGUDO QUE URGE RESOLVER

É possível e urgente a criação e desenvolvimento de uma indústria portuguesa de máquinas agrícolas e tractores e a criação de parques de máquinas agrícolas. É indispensável uma planificação da actividade nos campos

Abordámos já no «Avante!» o problema da comercialização dos Produtos Agrícolas, um dos mais sentidos pelos pequenos e médios agricultores e pelas unidades colectivas de produção, problema que nos foi concretamente colocado por um pequeno agricultor algarvio. Uma outra questão que se põe, com augeza, a quantos trabalham no sector agrícola. Ela é-nos exposta na caixa de um pequeno agricultor da região de Castelo Branco:

«A falta de máquinas é muito grande. Há trabalhos que se não fazem ou ficam atrasados porque não há máquinas. O aluguer de máquinas não é possível a todos. Para comprar uma máquina só alguns podem e mesmo esses vendem-na para toda a vida se forem pequenos ou médios. Depois, comprar uma máquina para uma terra pequena é criar dívidas, preocupações e saudades, sem nenhum proveito. Então o que se há-de fazer? Por que razão há-de haver tão poucas máquinas para tratarmos a terra?»

A falta de tractores e de outras máquinas e alfaías é um sintoma do atraso em que o fascismo mergulhou o sector agrícola. A propósito citamos um texto de um pequeno livro publicado pela Comissão Revolucionária de Apoio à Reforma Agrária, intitulado «Queremos a Reforma Agrária», cuja leitura recomendamos vivamente:

«Visto o atraso da agricultura portuguesa pela espécie de energia utilizada, verifica-se que nas propriedades com área inferior a 1 hectare, 40,1% dessa energia é ainda humana, o que quer dizer que no trabalho aplicado em tais propriedades, o braçal é percentualmente mais elevado do que o animal, pois que este só é utilizado numa percentagem de 28,6%. Nas

propriedades de de 1 a 4 ha já a força de trabalho humano é de 18,5% enquanto a percentagem de trabalho animal sobe para 33,3%. O que realmente impressiona é a baixa percentagem média de trabalho mecânico no nosso país, a qual não excede 9,2%.

Podemos dizer que é nas explorações com mais de 20 ha que se encontra maior emprego de charruas e grades de tracção mecânica, sendo nas áreas inferiores o seu emprego muito exiguo.

Quanto à estrutura das explorações que empregam charruas e grades de tracção animal de propriedade alheia, mais de 30% das explorações com área compreendida entre 0,05 e 1 hectare encontram-se nestas condições e nas explorações cujas dimensões ultrapassam 200 ha esta percentagem é de cerca de 13%, 80% das explorações com mais de 200 hectares utilizavam simultaneamente energia mecânica e animal, enquanto nas explorações com menos de 4 hectares, a energia utilizada era quase exclusivamente humana e animal.

Dado o processo de sabotagem económica desenvolvido pelos latifundiários da qual uma das formas mais frequentes e graves foi a fuga, venda e destruição de máquinas, a falta de meios de trabalho é também profundamente sentida por muitas unidades colectivas de produção. Acrescente-se o facto de grandes explorações, se encontram, mesmo sob o fascismo, subequipadas dado o absentismo da maioria dos latifundiários. Outras unidades colectivas de produção melhor equipadas têm desenvolvido formas de solidariedade e de interajuda que passam pelo empréstimo de máquinas. Também os trabalhadores de outros sectores de actividade nomeadamente da indústria, desenca-

PLANIFICAÇÃO AGRÍCOLA

Mas o problema só poderá ser completamente resolvido através da planificação agrícola. Citamos o nosso camarada António Roca: «O desenvolvimento da agricultura será feito, através da adopção das técnicas hoje disponíveis para a produção a mais baixo custo de bens agrícolas, e do ajustamento da dimensão da exploração agrícola para as áreas impostas pela adopção dessas técnicas.

Por outro lado, a adopção dessas técnicas obriga a investimentos em máquinas, gados, plantações, armações, preparações de solos e construções rústicas.

Toda esta transformação vai, pois, exigir um grande esforço financeiro por parte do Estado através de investimentos directos e de financiamentos. A criação de parques de máquinas aptas a servir cada área agrícola são uma das soluções adoptadas, com grande êxito nos países socialistas. Por outro lado, é indispensável, e há condições para se proceder à reconversão de determinadas empresas, criando uma indústria portuguesa de máquinas agrícolas. Este projecto estaria, sem dúvida, já em fase de concretização, (reCORDAMOS que numa reportagem publicada no «Avante!» trabalhadores da Metalurgia Duarte Ferreira exprimiram o seu ponto de vista sobre a criação de uma indústria

portuguesa de máquinas agrícolas, e asseguraram que a sua empresa oferecia condições óptimas de reconversão, pois antes do fascismo impôs a fabricação do material de guerra, muitas alfaías agrícolas eram ali produzidas), se não fossem os interesses e a influência que ainda exercem aqueles que preferem manter a dependência económica do nosso país relativamente ao mundo capitalista de onde importamos máquinas agrícolas ou peças para estas máquinas. Aqui como em todos os problemas da vida nacional, reflecte-se a luta de classes entre o capital ainda le cada vez mais animado de sonhos de recuperação de posições) e os trabalhadores que não cederão nas conquistas já alcançadas, antes lutando por novos direitos e pela democratização real do país, a qual passa pelo restabelecimento da economia portuguesa, incluindo o sector agrícola como primordial, e pela independência nacional, o que só será possível na via socialista, a única correcta, a do Partido Comunista Português.

Como expressa o programa do nosso Partido é indispensável o auxílio do Estado aos pequenos e médios agricultores, estimulando a formação e desenvolvimento de cooperativas agrícolas, concedendo créditos a juro módico, fornecendo máquinas em boas condições, sementes e gados melhorados, facilitando seguros e a aquisição e transporte de adubos, insecticidas e fungicidas, prestando assistência técnica e utilizando e autorizando a instalação de indústrias subsidiárias para laborar os produtos agrícolas das próprias cooperativas e «desenvolvimento da indústria de adubos químicos e máquinas agrícolas, e criação de parques de tractores e máquinas agrícolas».

11 DE MARÇO DE 1975: A REACÇÃO NÃO PASSOU!

O dia 11 de Março de 1975 — faz hoje precisamente um ano — é uma data histórica do processo revolucionário iniciado na madrugada de 25 de Abril de 1974. Nesse dia, as forças da reacção e do fascismo desencadearam a sua segunda ofensiva em força contra o processo revolucionário português, contra a democracia, contra as liberdades. A reacção desceu à rua, e de uma forma violenta, tentava destruir e aniquilar as liberdades e as outras conquistas do povo português. O objectivo dos contra-revolucionários era instaurar de novo em Portugal uma ditadura fascista, porventura mais sangrenta que a anterior.

Mas em 11 de Março de 1975, os

fascistas e reacçãoários encontraram pela frente, tal como no 28 de Setembro, um poderoso movimento popular de massas que, unido e organizado e em estreita aliança com o Movimento das Forças Armadas, ergueu perante o cobarde ataque da reacção uma muralha inexpugnável, contra a qual se esbateram as veleidades e os sonhos negros da reacção fascista.

A actuacção dos contra-revolucionários demonstrou com toda a evidência que as forças da reacção estavam — e estão — dispostas a não recuar e a empregar todos os meios, mesmo os mais sangrentos e cobardes, para alcançarem os seus objectivos sinistros — a instauração em Portugal de uma nova ditadura fascista. A vigilância e a ampla movimentação popular foi decisiva para a neutralização da desesperada tentativa contra-revolucionária. Nos dias que antecederam o 11 de Março, o nosso Partido e as forças democráticas e progressistas mais consequentes alertaram o nosso povo para a manobra reacçãoária que se planeava na sombra por aqueles que pretendiam apunhalar pelas costas os trabalhadores do nosso país, matando as liberdades e as outras conquistas revolucionárias.

A reacção não passou! Em todos os locais de trabalho, nas estradas, nos quartéis, a unidade do povo trabalhador foi decisiva para a defesa e avanço do processo revolucionário. A reacção jogou forte e perdeu muito. Na sequência da tentativa contra-revolucionária do 11 de Março, foi institucionalizado o MFA e o Conselho da Revolução, foram imediatamente nacionalizados a banca e os seguros, pela comprovada participação do grande capital monopolista e financeiro na conspiração preparatória da intenção reacçãoária.

A leitura do 11 de Março deve estar bem presente na memória de todos os que querem para a nossa Pátria um futuro de paz, pão, liberdade e democracia. Tal como em 11 de Março de 1975, só a ampla unidade das massas trabalhadoras, em estreita aliança com os patriotas das Forças Armadas, poderá barrar o caminho à reacção e ao fascismo e assegurar no nosso país a construção de uma democracia e caminho do socialismo.

Pela sua parte, o Partido Comunista Português, o grande partido da esquerda, tudo fará para unir todas as forças e democratas sinceros que estejam dispostos a impedir o regresso da ditadura terrorista dos monopólios e dos latifundiários e as outras conquistas das liberdades e as outras conquistas democráticas que asseguram a construção da sociedade nova sem exploração do homem pelo homem, aspiração profunda dos trabalhadores de Portugal.

estar bem presente na memória de todos os que querem para a nossa Pátria um futuro de paz, pão, liberdade e democracia. Tal como em 11 de Março de 1975, só a ampla unidade das massas trabalhadoras, em estreita aliança com os patriotas das Forças Armadas, poderá barrar o caminho à reacção e ao fascismo e assegurar no nosso país a construção de uma democracia e caminho do socialismo.

Pela sua parte, o Partido Comunista Português, o grande partido da esquerda, tudo fará para unir todas as forças e democratas sinceros que estejam dispostos a impedir o regresso da ditadura terrorista dos monopólios e dos latifundiários e as outras conquistas das liberdades e as outras conquistas democráticas que asseguram a construção da sociedade nova sem exploração do homem pelo homem, aspiração profunda dos trabalhadores de Portugal.

o falso pluralismo, acolhe os maiores fascistas, e que mais se assemelha à extinta ANP.

Os jovens alertam também os trabalhadores e o povo em geral contra o terrorismo do ELP/MDLP auxiliados pelos partidos fascistas e reacçãoários PPD e CDS e contra as manobras intimidatórias concretizadas com buscas a casas de militantes progressistas, quando nada se faz contra os atentados da reacção.

UMA CENA EXPRESSIVA

Durante um jantar oferecido em honra das representantes de OMA que se encontram em Portugal, a convite do MDM, um numeroso grupo de retornados invadiu inesperadamente a sala onde o jantar decorria. Primeira reacção de surpresa dos que ali se encontravam.

Os «invosores», porém, não se detiveram na sua determinação e aproximaram-se de Dina de Almeida e Olga Chaves. Falaram-lhes das suas dificuldades de adaptação aqui em Portugal. Dizem-lhes que querem regressar a Angola. Perguntam-lhes como fazer para lá voltarem.

Dina e Olga, comovidas, escutam-nos com atenção, falam com eles. O diálogo termina com abraços e lágrimas nos olhos de Dina e Olga e dos retornados.

A cena dispensa, quanto a nós, comentários. Ela vale como um testemunho.

ALEGRIA JUVENIL NO CAMPO GRANDE

As organizações da UJC e da UEC do 3.º Bairro promove, no próximo Sábado, dia 13, uma grande festa juvenil no Campo Grande. A festa terá início às 13,30h com uma «cross» partindo de Benfca (Av. Grao Vasco) e terminando no jardim do Campo Grande. Haverá ainda outras provas desportivas (futebol de 5, corrida de barcos, várias gincanas), teatro (com o conjunto COSMOS).

Os mais pequenos não foram esquecidos e terão a sua tarde infantil, com pinturas, desenhos, jogos e...palhaças. A festa do Campo Grande é uma das muitas das iniciativas locais que a UJC e da UEC estão a promover, com vista à preparação de um grandioso Festival da juventude, o «Festival da Primavera», em 28 do corrente.

SINDICATOS E «ADESÕES»

O dirigente do PS dr. Jorge Campinos (concordando com o dr. Sá Carneiro) revela que a sua concepção de sindicatos é de que estes devem ser «correias de transmissão» dos partidos políticos!

O sr. dr. Jorge Campinos, dirigente do PS e Ministro do Comércio Externo, produziu — segundo o correspondente do «Jornal Novo» em Estocolmo — esta declaração surpreendente:

«Apenas dois sindicatos ainda não aderiram ao Partido Socialista: o dos metalúrgicos e o da construção civil.»

A afirmação do dr. Jorge Campinos, destinada a ganhar a confiança das empresas turísticas escandinavas a troco da divisão dos trabalhadores portugueses, suscita à SIP do PCP os seguintes comentários:

1. A adesão de sindicatos a partidos políticos — prática corrente em certos países europeus governados por partidos social-democratas, países onde pouco ou nada se tem alterado da relação entre exploradores e explorados — nada tem a ver, como é sabido, com a realidade portuguesa e ainda menos com os interesses dos trabalhadores portugueses. Será, quando muito, um desejo de certos dirigentes políticos que assim procuram dividir o movimento sindical por grupos sem força e sem implantação.

A declaração do dr. Jorge Campinos está perfeitamente sintonizada com uma outra do dr. Sá Carneiro que disse recentemente:

«Queremos sindicatos fortes que apoiem os partidos políticos.»

Isto é: o dr. Jorge Campinos, como o dr. Sá Carneiro, querem transformar os sindicatos em centrais de propaganda partidária.

2. Os trabalhadores vão de certo relacionar a declaração do dr. Jorge Campinos com as propostas de «pluralismo sindical» que, em nome de interesses partidários, visam minar a sua unidade e facilitar a recuperação capitalista.

O PCP, que sempre tem defendido o movimento sindical como movimento organizado e independente, vê nas declarações do dr. Jorge Campinos uma perigosa intenção de pretender conduzir as organizações de trabalhadores pelo caminho dum partidarismo estreito, o que nem mesmo a direcção do PS, pelo menos publicamente, tem advogado.

3. Os exemplos de crescente unidade que os trabalhadores estão a dar todos os dias, colocando a salvaguarda dos seus interesses acima de factores de divisão e enfraquecimento, contrariam por inteiro as declarações e intenções do dr. Jorge Campinos.

A vocação dos trabalhadores é para se unirem na luta pelos seus interesses, como a realidade está hoje, mais uma vez,

a demonstrar. Lutando pelos seus direitos contra o agravamento da exploração, pelas liberdades contra o terrorismo, pela Reforma Agrária contra o poder dos grandes senhores,

pela reconstrução da economia rumo ao socialismo e contra a recuperação capitalista, os trabalhadores estão a encontrar na unidade o caminho da vitória.

MANIFESTAÇÕES NO ALENTEJO

No próximo sábado, em Beja, Évora e Portalegre realizar-se-ão importantes manifestações do povo trabalhador alentejano na defesa das suas conquistas e contra a actividade da reacção.

Aqueles que trabalham a terra — operários agrícolas, seareiros, rendeiros, pequenos e médios agricultores — com o apoio do povo, de todos os democratas e antifascistas, das forças políticas de esquerda e progressistas, demonstrarão mais uma vez que estão dispostos a lutar pela defesa das liberdades e conquistas alcançadas com o 25 de Abril, pela defesa e consolidação da Reforma Agrária, pela construção de uma sociedade democrática rumo ao socialismo.

As concentrações efectuar-se-ão pelas 15.30, em Évora, junto ao Centro da Reforma Agrária (Largo de S. Mamede), em Beja, também junto ao Centro da Reforma Agrária, em Portalegre, frente ao Governo Civil.

O QUE SIGNIFICA O SEGURO «AO SERVIÇO DO POVO»?

Um tema, que já não é de hoje, abordado e esclarecido pela Organização de Trabalhadores de Seguros do nosso Partido na zona de Lisboa

«Sabemos que o sector de seguros representava uma grossa parte do poder dos monopólios em Portugal. Diz-se que com as nacionalizações se abriu a possibilidade de os seguros estarem, de facto, ao serviço do povo. Mas o que é que se entende por Seguros ao Serviço do Povo?»

A esta questão que nos é posta e que surge, amiúde, nas sessões de esclarecimento, responde, através do «Avante!», os camaradas da Organização de Trabalhadores de Seguros do nosso Partido na zona de Lisboa.

«A 15 de Março de 1975, culminando a persistente luta dos trabalhadores progressistas dos Seguros, unidos em torno do seu sindicato que com uma correcta consciência de classe encabeçava essa luta, o IV Governo Provisório nacionaliza todas as Companhias de Seguros de capital nacional, deixando apenas de fora algumas Companhias de Seguros estrangeiras e as Mútuas de Seguros.

Esta medida era o remate de uma etapa da luta árdua, e por vezes difícil que, especialmente durante a greve do sector de Seguros em 1974, tinha mobilizado largas camadas de trabalhadores. Punham-se, agora, aos trabalhadores de Seguros, novas perspectivas: reestruturar o sector, visando atingir soluções que o encaminhassem para o socialismo, quando as condições objectivas o permitissem.

Nos dias seguintes à nacionalização eram largamente difundidas pelas instalações das Companhias de Seguros, em todo o país, cartazes com a palavra de ordem «Os Seguros ao Serviço do Povo» e no preâmbulo do decreto-lei que nacionalizou os seguros; apontava-se, nomeadamente, que o elevado volume de poupança privada retido pelas Companhias de Seguros teria deixado de ser aplicado em fins especulativos e em proveito dos grandes grupos económicos (as ligações com os grupos financeiros eram conhecidas. Lembramos: Império, Sagres e Universal com o Grupo Cuf; Mundial e Confiança com o Grupo Champagnat e a 2ª Tranquilidade com o Grupo Espírito Santo; Comércio e Indústria e Bonança com o Grupo Jorge de Brito, etc.).

Também nesse preâmbulo, se denunciava o perigo da concorrência desleal e desenfreada que comprometia a solvabilidade das empresas de seguros e o próprio pagamento

integral das indemnizações pelas quais as companhias eram responsáveis. Alertava ainda para a existência de situações altamente irregulares, no domínio da gestão. E que os Seguros sempre estiveram longe de servir os interesses das classes trabalhadoras.

Sector administrado desde sempre por políticos ligados ao fascismo e ao grande capital (Marcelo Caetano, Elmano Alves, entre muitos outros estiveram ligados à actividade de Seguros) tinha sofrido, nos últimos anos a intervenção cada vez mais asfiantes dos grandes grupos financeiros que lhe esgotavam a própria capacidade de financiamento próprio, empregando-a no mercado de títulos, servindo os interesses desses mesmos grupos financeiros.

Não admira, pois, que em fins de 1973, e apesar de todos os artificios contabilísticos com que tentaram mascarar a realidade, os prejuízos rondassem o meio milhão de contos.

Após a nacionalização, os trabalhadores de Seguros organizam-se em grupos de trabalho que chamam a si a tarefa de reestruturar os diversos aspectos e ramos de actividade seguradora.

OS SEGUROS AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES

Em matéria de acidentes de trabalho, havia que actualizar, até níveis compatíveis com a dignidade dos trabalhadores, as pensões de acidentados de trabalho, o que foi apenas parcialmente conseguido. Havia que criar um «Serviço de Saúde dos Seguros», racionalizando o aproveitamento dos hospitais e postos médicos das Companhias de Seguros (oitos das unidades hospitalares existentes dispõem já de 499 camas em Lisboa, 35 em Évora e 96 no Porto), dois blocos operatórios, serviços de sangue, oficinas de construção e renovação de próteses, depósitos farmacêuticos, e articular os postos médicos com a rede hospitalar, tendo em vista, por um lado, uma correcta implantação geográfica e, por outro lado, o descongestionamento das unidades hospitalares.

Em matéria de seguros de responsabilidade civil do automóvel, o trabalho feito visa contribuir, entre outros objectivos, para a resolução de diversos problemas de âmbito nacional no campo do trânsito rodoviário. Salienta-se o despiste de alcoólicos (condutores); deficiências na aprendizagem da condução-automóvel; serviços de

inspecção sistemática do estado de segurança dos veículos em circulação; controlo eficaz das condições fisiológicas dos condutores na concessão e na renovação da respectiva carta de condução; lacunas e deficiências do sistema de transportes públicos.

Entrava-se na verdadeira razão de ser do «Seguro ao Serviço do Povo», procurando criar um novo esquema coerente com a perspectiva de servir os trabalhadores. Um seguro, pelo qual, independentemente da culpa ou caso fortuito, a vítima de qualquer acidente de viação tivesse sempre direito à indemnização e que qualquer trabalhador, morto ou incapacitado por um acidente deste tipo, tivesse sempre garantida, ele ou a sua família, uma pensão ou renda idêntica àquela que a sua força de trabalho até ali lhe permitira angariar.

Em seguros de vida preconiza-se introduzir novas formas de poupança, nomeadamente, a «poupança programada por via seguradora» acoplada a um tipo de segurança com garantias por morte ou invalidez permanente, total ou parcial.

Em matéria de seguros agrícola e pecuário, estudou-se a criação duma apólice «multi-riscos» que respondesse adequadamente aos riscos sobre culturas sazonais e de valor variável, abrangendo um leque de garantias com tal amplitude — no tocante às necessidades dos pequenos e médios agricultores, cooperativas agrícolas e outras unidades de produção — que lhes pudessem assegurar uma cobertura global a custos acessíveis.

Também em matéria de seguros de transportes, incêndios, avarias de máquinas, etc., se procurou uma nova operacionalidade que correspondesse ao significado social do seguro, que o pusesse efectivamente «ao serviço do Povo». Igualmente desde a nacionalização, grande parte das Companhias de Seguros tem

realizado acções concretas no sentido de levar à prática algumas medidas moralizadoras da actividade do sector, no domínio da concorrência (procurando-se eliminar as transferências de seguros de uma para outra companhia); da tarifação (uniformizando os critérios); da retribuição aos intermediários de seguros (visando a sua profissionalização e compensações justas); da recolha de elementos que permitam levar ao conhecimento público a análise da situação financeira das companhias nacionalizadas, e de mascarando a responsabilidade daqueles que, ao serviço do capital conduziram o sector à degradação.

RECUPERAÇÃO CAPITALISTA

No entanto, são cada vez mais frequentes as acções que procuram criar condições para um retrocesso do processo da nacionalização. São cada vez mais frequentes e claras as tentativas para ignorar e votar ao esquecimento as propostas de trabalho criadas com objectividade — no sentido de tornar real a palavra de ordem «Os Seguros ao Serviço do Povo» — pelos trabalhadores de Seguros que, após o decreto das nacionalizações, se entregaram a essa tarefa.

Não desconhecem os trabalhadores essas tentativas e essas práticas, sinais bem nítidos da influência e da manipulação daqueles que vêem os seus privilégios de classe atacados frontalmente.

Os trabalhadores portugueses não esquecem que quando em França se deu a nacionalização da Banca e dos Seguros (posteriormente recuperadas pelo capital), houve quem dissesse que a nacionalização desses sectores tinha apenas servido para tornar mais organizada a pilhagem, pelos monopólios, da poupança privada dos trabalhadores (Le Peuple, n.º 912, Fevereiro de 1973).

MORREU AUGUSTO DA COSTA DIAS

Morreu Augusto da Costa Dias. A notícia surpreendeu os amigos e os camaradas que, embora o soubessem condenado, o viam trabalhar e produzir como se a doença e a luta contra ela fossem companheiras inseparáveis de toda a sua vida. Parecia ter conseguido separar dentro do seu corpo a ferramenta do escritor, defendendo-a do mal incurável que o destruía. Trabalhava até morrer e fazia planos. A sua vida de intelectual foi um bem sem preço que nos deixou a nós, companheiros de luta e de trabalho e a todos os que dedicaram o melhor da sua vida à luta contra o fascismo.

A sua obra, que arrancou à doença num sacrifício permanente e pouco comum, tem a marca de um espírito fidelíssimo a estas palavras da dedicatória, com que abre um dos seus ensaios mais perfeitos: «A todos quantos, humildes anónimos ou vultos proeminentes, sempre entre nós, pusem a inteligência ou a vida ao serviço da mais nobre tarefa de um homem: a liberdade, a dignidade e o progresso do povo português e da sua cultura».

Augusto da Costa Dias era um inimigo lúcido dos mortos que falam e mandam. Combatia o passado, quando ele «representa um pesadelo trágico e uma fatal condenação de inércia». Por isso, os seus livros, que quase todos tratam do passado, são obras do futuro e apontam-no com uma força e um talento que conseguiriam romper as malhas da repressão fascista.

Rádio Portugal Livre

«A liberdade, a dignidade e o progresso do povo português e da sua cultura».

Já muito perto da morte, Costa Dias, que nos deixou alguns dos trabalhos mais fecundos sobre grandes figuras da nossa história, conseguiu ainda arrancar à doença, além da colaboração na «Seara Nova», o ensaio sobre a obra de Soeiro Pereira Gomes, que publicou em Junho de 1975. Numa forma de homenagem, de que o nosso camarada não gostaria, lembramos aqui algumas linhas desse último trabalho em livro de Augusto da Costa Dias:

«A vida e a arte de Soeiro Pereira Gomes são outro desafio — este aos escritores portugueses. O movimento revolucionário em curso

no nosso país precisa da participação activa dos intelectuais. Não se pode, é verdade, impor a alguém que escreva o que lhe não está nos pensamentos e na sensibilidade. Naturalmente que um escritor realiza, no campo específico da sua arte, aquilo que tem mobilizada a razão e as emoções...»

«Os intelectuais que sentem porém como sua, na paixão da luta e na razão esclarecida, a revolução democrática portuguesa encabeçada pela classe operária, ardentemente participada pelas largas massas de trabalhadores, por todas as forças democráticas, anti-monopolistas e anti-imperialistas — esses intelectuais devem, nas suas obras, trazer para a rua a grande luta de classes de todos quantos se empenham na construção da liberdade, da paz, do fim da exploração do homem pelo homem; devem trazer para a rua, para que o povo se enriqueça, a beleza, a alegria e a audácia de uma arte revolucionária, posta como desafio à sua capacidade criadora livre».

A família de Augusto da Costa Dias, em especial sua mulher e filhos que muito prezamos, queremos deixar aqui a manifestação profunda do nosso pesar pela perda de um grande amigo e companheiro de sempre nas lutas comuns.

CANDIDATOS DO PCP

Dentro do prazo legalmente previsto, o Partido Comunista Português fez entrega às autoridades competentes das listas contendo os nomes dos candidatos às próximas eleições para a Assembleia Legislativa.

Conforme já foi anunciado, o nosso Partido concorre em todos os círculos eleitorais, incluindo o da Emigração. No próximo número de «Avante!» publicaremos a lista completa dos candidatos do PCP.

IMPRENSA ESTATIZADA

A imprensa «pluralista» cuja seriedade foi entregue oficialmente ao PS e ao PPD aumenta os déficits e baixa as tiragens. Outra coisa aumenta também nas páginas pagas por todos nós: o anticomunismo, a propaganda da direita, a deturpação, a mentira

1. A proporção entre os meios de informação que estão a favor ou contra as conquistas do 25 de Abril está hoje perigosamente desequilibrada.

As formas como a generalidade dos órgãos de comunicação social têm vindo a acompanhar os grandes temas da vida portuguesa, tomando por vezes abertamente partido pelas tentativas de recuperação capitalista e reaccionária, revelam processos ora subití ora grosseiros de condicionamento da opinião pública.

Tal facto, se é sempre grave numa sociedade democrática, assume ainda maior gravidade agora que se aproxima uma campanha eleitoral.

Com efeito, a Rádio, a Televisão e grande parte da Imprensa — designadamente alguns dos jornais estatizados — não estão a orientar-se sempre, como deviam, pela preocupação da verdade, da objectividade e da defesa das conquistas dos trabalhadores.

2. Assumindo os pontos de vista e mesmo as formulações usadas pelos partidos da direita, certos órgãos de comunicação transformam-se em veículos de propaganda contra-revolucionária, em tribunas dos inimigos dos trabalhadores. Dão cobertura ideológica à campanha de descolonização; inventam calúnias grosseiras que o CDS/PPD/PPM e a Confederação dos Agrários utilizam contra a Reforma Agrária e de que a direcção do PS se serve para fins esleitorais; apontam como solução para a crise económica os projectos do CDS/PPD e da Confederação da Indústria para a recuperação capitalista da economia; tentam justificar e promover a aceitação da política de vida cara conduzida pelo Ministério do Comércio Interno e secundada pelos Ministérios das Finanças e do Trabalho; procuram organizar o descontentamento face a certas situações e canaliza-lo contra as forças democráticas, em particular contra o PCP, o contra a própria democracia; procuram semear a divisão e a intriga entre os sectores democráticos civis e militares; alinham pelo anticomunismo primário prolongando a propaganda salazarista de que hoje procuram colher frutos os partidos da direita, os grupos esquerdistas e certos dirigentes do PS; apresentam como inevitável e benéfica a sujeição ao imperialismo e a aceitação das suas imposições e chantagens.

3. Os partidos que aceitaram administrar e dirigir os jornais do Estado não estão a servir de garantes da independência e do pluralismo da maior parte desses jornais, mas a servirem-se deles para fins partidários, da mesma forma que não estão a dar solução aos grandes problemas financeiros das empresas jornalísticas.

O Estado português está assim a subsidiar campanhas de propaganda partidária e a ter de sustentar empresas que o sectarismo de certas forças políticas está a conduzir à ruína.

A tiragem do «Diário de Notícias» administrado e dirigido pelo PS, baixou mais de 20 por cento, enquanto que as sobras desse jornal na região de Lisboa rondam os 30 por cento. Quanto ao «Século», cuja gestão e orientação foram confiadas ao PPD, a situação é ainda mais alarmante: a tiragem baixou de 80 mil para 32 mil exemplares e destes vendem-se pouco mais de metade. Enquanto isto, aumentou em mais de 30 por cento a tiragem do «Diário de Lisboa», jornal sem subordinação partidária que, independentemente das reservas que o PCP possa ter em relação a alguns aspectos da sua orientação, no essencial mantém as posições progressistas.

Assiste-se entretanto à proliferação duma nova imprensa da confiança do grande capital que, através duma ofensiva violenta e deformadora que engana e manipula vastas camadas da população, procura ganhá-las para a contestação do próprio 25 de Abril. Com a maior impunidade publicam-se órgãos de propaganda da extrema-direita que advogam abertamente o regresso ao passado fascista e colonialista, fazem o elogio de Salazar e Caetano, absolvem os

criminosos da Pide e do ELP/MDLP e chegam a sugerir acções violentas contra a situação democrática.

4. Mas se para a direita o pluralismo parece não ter fronteiras, o mesmo não se poderá dizer em relação à esquerda.

Em certos órgãos de comunicação social, a par de casos concretos de tratamento discriminatório em relação à esquerda, e particularmente em relação ao PCP, são constantes as pressões sobre o trabalho dos jornalistas e o desrespeito pelo profissionalismo dos trabalhadores da Informação manifestados pelas administrações e direcções.

O clima de insegurança que os trabalhadores vivem em certos órgãos de comunicação social é alimentado pelos saneamentos políticos e pela ameaça do desemprego e por pseudo-reestruturações que escondem mal o seu verdadeiro objectivo que é a segregação dos trabalhadores mais devotados ao projecto do 25 de Abril.

Enquanto são recuperadas velhas relíquias do «Diário de Notícias» de Augusto de Castro, da RTP de Ramiro Valadão e da Emissora Nacional de Clemente Rogeiro, são completamente desaproveitadas a iniciativa, a competência e o espírito criador de muitos

situações de injustiça.

A situação actual nos órgãos de comunicação social exige pronta solução política e não medidas que condicionem mais ainda uma informação que esclareça os portugueses e os ganhe para a tarefa patriótica de liquidar de vez a ameaça do fascismo.

A construção da democracia exige que os órgãos de Informação estejam abertos imparcialmente a todas as correntes democráticas, que transmitam uma informação verdadeira e correcta, que combatam o clima de desconfiança propício ao regresso do passado. A sensibilidade dos trabalhadores e de diversos sectores democráticos civis e militares é a unidade na acção contra a escalada da direita nos órgãos de comunicação social são factores essenciais para a defesa das liberdades e para a construção em Portugal de um regime democrático a caminho do socialismo.

Com efeito, enquanto publica editoriais de descarado anticomunismo e selecciona os seus colaboradores para artigos de opinião política por critérios estritamente partidários, o «Diário de Notícias» ignora pura e simplesmente, com demasiada frequência, as tomadas de posição do PCP.

A SIP do PCP renova, agora publicamente, os protestos apresentados ao elemento responsável da chefia de redacção do «Diário de Notícias», pelas razões de queixa que tem daquele jornal. Para além do anticomunismo militante que caracteriza parte considerável do seu noticiário e do tratamento preferencial que concede a certas figuras e partidos políticos, o «Diário de Notícias» permitiu-se ignorar os seguintes comunicados do PCP:

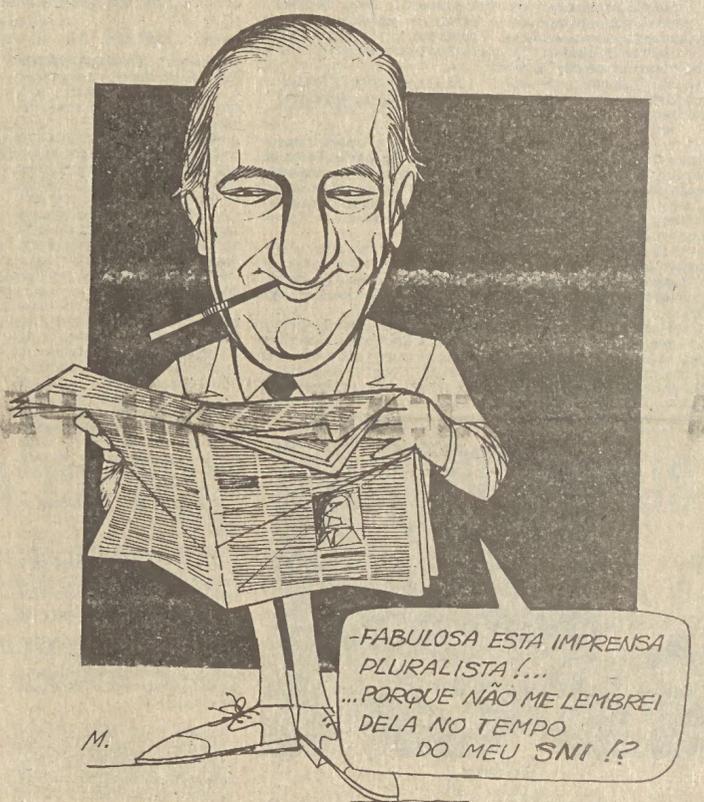
— Nota da SIP do PCP sobre a unidade, em resposta a um comunicado do Secretariado do PS (31-1-76);

— Nota da SIP do PCP sobre a mensagem de portugueses residentes em Angola dirigida aos deputados do PCP (11-2-76);

— Nota da SIP do PCP sobre a Radiodifusão

DIÁRIO DE NOTÍCIAS E «PLURALISMO»

O «Diário de Notícias» publicou na sua edição de 9 de Março dois excertos do discurso proferido em Pinhal Novo por Jaime Serra, membro da Comissão Política



Portuguesa (16-2-76);

— Nota da SIP do PCP sobre a visita à sede do PCP duma delegação governamental da República de Cabo Verde (16-2-76);

— Nota da SIP do PCP sobre os acontecimentos de Benavita: O PCP quer a verdade, o RCP quer a unidade (27-2-76);

— Nota da SIP do PCP sobre a situação actual na informação (3-3-76);

— Nota da SIP do PCP sobre as saudações recebidas a propósito do 55.º aniversário do PCP (6-3-76).

O PCP denunciou em devido tempo os efeitos contrários à democracia que iriam resultar da partilha dos jornais do Estado pelos partidos políticos. Os factos estão a dar razão às reservas que o PCP colocou em relação a essa medida. Longe de garantirem o a partidário e a objectividade do «Diário de Notícias», a administração e a direcção estão a transformá-lo num instrumento de política partidária que custa caro ao povo português.

A SECÇÃO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

FAÇAMOS DO 25 DE MARÇO uma grande jornada de Paz!

25.000 ESTUDANTES EM GREVE!

DECLARAÇÃO COMUM DO PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS E DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Paralizando o trabalho, fazendo concentrações e manifestações de rua comemoramos o 1.º de Maio como uma grande jornada de unidade da classe operária e do povo popular contra o salazarismo!

RPL

No dia 12 de Março de 1962, como assinalava o «Avante!», clandestino de Abril desse ano, *mais um golpe profundo foi dado pelo nosso povo na censura salazarista. Surgia mais uma voz que, vencendo todas as dificuldades, chega a muitos portugueses para lhes dizer a verdade sobre o que se passa no nosso país e no mundo.*

Durante treze anos sem interrupção, a voz da liberdade e da resistência levou ao povo português, a milhares de casas, esclareceu, orientou lutas, denunciou os crimes do fascismo e do imperialismo, divulgou a fraterna solidariedade dos povos para com a luta do povo português.

Rádio Portugal Livre cessou as suas emissões para dar lugar a uma rádio livre da censura, para uma rádio que o povo português quer digna herdeira da que foi a voz dos trabalhadores e dos democratas.

As gloriosas tradições da Rádio que há catorze anos lançou para o ar a sua primeira emissão mantêm-se firmemente na luta dos trabalhadores da Informação que, lado a lado com todos os trabalhadores, exigem uma rádio no Portugal de hoje que mantenha o lema de RPL: *uma emissora portuguesa ao serviço do Povo, da Democracia e da Independência Nacional.*

Avante!

uma revista comemorativa do 45.º ano de publicação

EDIÇÃO ESPECIAL DO Avante! EM FORMATO DE REVISTA

À VENDA NA BANCA DAS Avante! NA CONFERÊNCIA NACIONAL DO PARTIDO

A MULHER NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

O núcleo das mulheres comunistas de Alhandra assinalou o Dia Internacional da Mulher com um comício-sessão de esclarecimento a que esteve presente o camarada Álvaro Cunhal

O Dia Internacional da Mulher foi comemorado em Alhandra por iniciativa do Núcleo local de Mulheres Comunistas, com um comício-sessão de esclarecimento a que esteve presente o camarada Álvaro Cunhal.

Realizado na Sociedade Euterpe Alhandrense, o comício comemorativo desta significativa data contou com a participação de elevado número de trabalhadores, nomeadamente mulheres, da região de Alhandra que, uma vez mais, aproveitaram a oportunidade para reafirmar a sua confiança revolucionária no grande partido da esquerda, no partido da classe operária e das massas trabalhadoras, o Partido Comunista Português.

Inicialmente, encontravam-se na mesa as camaradas Georgete Ferreira, do Comité Central do nosso Partido, Filizarda Correia, do Núcleo de Mulheres Comunistas de Alhandra, Isabel Teresa, da UJC local, Hermínia Costa, que é candidata do nosso Partido às eleições para a Assembleia Legislativa, Paula Ferreira, da UEC, Fernanda Vicente, da Comissão Concelhia de Vila Franca de Xira do nosso Partido, Beatriz Salgado, da Comissão de Freguesia de Alhandra do PCP e a operária Manuela Fernanda, igualmente candidata do nosso Partido às próximas eleições.



Um aspecto do comício-sessão de esclarecimento promovido pelo núcleo das mulheres comunistas de Alhandra e no qual estava presente o secretário-geral do PCP

Interviu primeiramente a camarada Fernanda Vicente, da CC de Vila Franca de Xira que, depois de saudar os presentes, dirigiu saudações às companheiras que nos países socialistas constituem uma sociedade nova, as companheiras que nos países capitalistas lutam ao lado dos homens contra a exploração e às companheiras dos movimentos de libertação que lutaram e lutam pela independência dos seus países.

Salientando que "a nossa libertação far-se-á ao mesmo tempo que a libertação dos homens", a camarada Fernanda Vicente, na sua intervenção, apelou ainda para a unidade das mulheres contra a direita reaccionária "que de novo prepara o salto".

"Só assim — finalizou a camarada Fernanda Vicente — o fascismo não passará!"

É CONTIGO MULHER QUE VAMOS CONSTRUIR O SOCIALISMO!

Usou, depois, da palavra a representante da União dos Estudantes Comunistas que, depois de ter saudado todos os presentes em nome da UEC, destacou brevemente a luta dos estudantes contra a repressão fascista, focando o papel de vanguarda desempenhado pelos estudantes comunistas.

A intervenção da representante da UEC terminou com um apelo: "É contigo mulher operária, é contigo mulher camponesa, é contigo mulher que desejamos um país novo para ti e para os teus filhos que vamos construir o socialismo".

Isabel Teresa, da UJC, começou por apelar para o espírito unitário de todas as jovens. Salientando o papel da juventude na luta contra o fascismo, Isabel Teresa afirmou: "Depende de nós, jovens e mulheres, a defesa das conquistas da Revolução".

A operária Manuela Fernanda, recordou a luta das operárias têxteis norte-americanas que, há seis dezenas de anos, morreram na luta pela emancipação da mulher e, após ter afirmado que os trabalhadores e as trabalhadoras não podem permitir que o fascismo os volte de novo a explorar e a oprimir, salientou: "O momento é de unidade e a tarefa é de todos, homens e mulheres, porque os objetivos são comuns: acabar de vez com a exploração do homem pelo homem".

EXEMPLOS DE CORAGEM E FIRMEZA

A camarada Georgete Ferreira, após ter saudado todos os presentes neste comício comemorativo do Dia Internacional da Mulher, levando-lhes a saudação da Direcção da Organização Regional de Lisboa do nosso Partido, referiu "as mulheres que sobejaram ser exemplo de coragem e firmeza e ergueram, no passado fascista, a bandeira de combate que o nosso Partido lhes colocou nas mãos".

Depois de se ter referido mais particularmente à luta de duas das heroínas do nosso Partido — Maria Machado e Catarina Eufémia — a camarada Georgete Ferreira salientou que a combatividade das mulheres comunistas e, de um modo geral, das mulheres portuguesas, se foyou na luta contra a repressão, na luta contra a fome e a guerra, na luta por melhores condições de trabalho e de vida. Referindo-se particularmente às heroínas saídas da luta das mulheres de Alhandra, a camarada Georgete Ferreira recordou a grande greve de 9 de Maio de 1944.

Seguidamente, a referência da camarada Georgete Ferreira à delegação da OMA (Organização da Mulher Angolana) que se encontra entre nós foi o pretexto para os presentes prestarem uma viva homenagem ao povo angolano e à sua vanguarda revolucionária — o MPLA — e neste caso particular às mulheres que de arma na mão defendem a independência do seu país, contra os inimigos da paz, da liberdade, da democracia e do progresso — os imperialistas.

ESCLARECER E MOBILIZAR TODAS AS MULHERES

Nesta altura, entrou na sala o camarada Álvaro Cunhal,

muitos dos olhos, daqueles rostos de homens e mulheres marcados pelo trabalho nas fábricas de Alhandra e nos campos do Ribatejo, havia lágrimas de alegria, lágrimas de emoção.

Tomando o seu lugar na tribuna, o camarada Álvaro Cunhal leu aos presentes a Saudação e Apelo do Comité Central do nosso Partido às Mulheres Portuguesas, que transcrevemos noutro local.

Depois, o secretário-geral do nosso Partido dirigiu ainda as suas saudações às mulheres de Alhandra, pela vitória da democracia a caminho do socialismo.

Momento de viva comoção foi o que se seguiu, quando se homenageou a memória do nosso saudoso camarada Herculano Carvalho. A razão desta singela e comovente homenagem foi o facto de, entretanto, ter chegado à tribuna, a viúva desse nosso saudoso camarada, acompanhada do camarada Manuel Pedro, membro suplente do CC do PCP.

Entrou-se, seguidamente, na fase de perguntas e respostas. Analisando o papel da mulher na revolução, a camarada Georgete Ferreira referiu a necessidade de as mulheres e comunistas esclarecerem as outras mulheres, no sentido de as trazer para a luta contra o fascismo.

A camarada Georgete Ferreira debruçou-se particularmente sobre a necessidade de as mulheres comunistas esclarecerem as outras suas companheiras de Trabalho sobre em quem devem votar e quem devem combater, desmistificando assim a actividade de partidos que se dizem democráticos mas que facilitam a violência fascista, abrem as portas à recuperação capitalista e atacam o processo de descolóniação.

REFORÇAR O PARTIDO É REFORÇAR A ESQUERDA

O camarada Álvaro Cunhal, seguidamente e respondendo a uma pergunta que incidia sobre a possível vitória eleitoral do PS, disse algumas breves palavras sobre as próximas eleições e a sua importância, apesar de, conforme salientou, existir em muitas regiões do país um poder local reaccionário.

Afirmando que nenhum partido obterá a maioria eleitoral, o secretário-geral do nosso Partido afirmou que o maior perigo para a democracia reside na possibilidade de a direita, com falsificações e aproveitando a situação não democrática de muitas regiões do país, ganhar as eleições.

Mais adiante, o camarada Álvaro Cunhal colocou a alternativa que se coloca ao PS: ou governar com a esquerda ou com a direita. Adiantando que era bom que os dirigentes do PS se delimitassem antes das eleições, o camarada Álvaro Cunhal acentuou: "O reforço do nosso Partido abre a única possibilidade de um reforço da esquerda e de um governo de esquerda".

Ainda sobre as próximas eleições, o camarada Álvaro Cunhal salientou que, perante o perigo de um golpe das forças da direita, "é importante que se reforcem as instituições democráticas".

UNIDADE: TAREFA DE AGORA E DE SEMPRE

Noutro passo do diálogo que se travou entre a mesa e a assistência, o camarada Álvaro Cunhal referiu-se às tarefas da unidade. "Necessitamos — afirmou —, todos os que queremos impedir o regresso do fascismo, de fazer um grande esforço para nos unirmos, nas fábricas, nos sindicatos, em todos os lados. Estamos dispostos e prontos a esquecermos ofensas, ataques, insultos e calúnias que nos foram dirigidos. O que nos deve unir é o facto de todos sermos explorados. Por isso, devemos sabermos-nos unir como irmãos de classe".

No decorrer da sessão foram, ainda, homenageadas as mulheres presentes com maior número de filhos. Foi uma homenagem singela e durante a qual o camarada Álvaro Cunhal, dirigindo-se às mulheres de

Alhandra, afirmou: "Nós, os comunistas, damos-vos a certeza de que lutaremos em quaisquer condições, de que não pouparemos esforços nem energias para lutarmos pela construção de um Portugal democrático, próspero e feliz para os vossos filhos, para os filhos dos vossos filhos, para, e citando um homem que viveu, lutou, trabalhou e escreveu em Alhandra, os filhos dos homens que nunca foram meninos" (referência a Soeiro Pereira Gomes).

SOLIDARIEDADE COM A MULHER ANGOLANA

O Dia Internacional da Mulher foi assinalado em todo o país através de colóquios, comícios, exposições e outras iniciativas de carácter cultural organizadas pelo MDM. Assumiu particular significado a presença, entre nós, de uma delegação do Comité Executivo da Organização da Mulher Angolana — OMA

Integrado na semana de comemorações do Dia Internacional da Mulher, realizou-se na passada segunda-feira na Feira Internacional de Lisboa um comício-festa promovido pelo Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, em que esteve presente uma delegação da Organização das Mulheres Angolanas — OMA.

Nesta mesa que presidiu à sessão encontravam-se Luísa Amorim, Teresa Paulo, Carolina Mega, Dulce Rebelo, Isaura Vieira, Luzia Machado, todas da direcção do MDM, Maria do Castelo Marques e Maria Perpétua, ambas do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Couço, Joaquina Madeira, dirigente sindical da Indústria de Cerâmica, Isabel da Nóbrega, do CPPC, e ainda duas militantes da Organização da Mulher Angolana, as camaradas Dina de Almeida, especialista militar da Organização de Defesa, membro do Comité Executivo Nacional e do Departamento de Relações Exteriores da OMA e Olga Chaves, sobrevivente da invasão imperialista movida recentemente pelo Governo racista da África do Sul à zona meridional de Angola, membro do mesmo Comité e responsável pelo Departamento de Informação e Propaganda.

Este comício, que constituiu acima de tudo, uma grandiosa jornada de solidariedade, reuniu numa das naves laterais da FIL muitas centenas de pessoas.

Luísa Amorim, membro da direcção do MDM, abriu a sessão expondo em termos objectivos o significado do Dia Internacional da Mulher e os aspectos que rodeiam esta data — 8 de Março — principalmente por constituir uma etapa histórica no movimento internacional das mulheres, por uma sociedade justa e livre assente nos princípios da paz.

Ao saudar a delegação angolana, a militante do MDM realçou o facto de as mulheres portuguesas terem estado sempre ao lado do povo angolano porque «sempre compreenderam que ele defendia a sua pátria e a sua liberdade». A anteceder a parte das intervenções, Luísa Amorim referiu-se ainda, à solidariedade de todas as mulheres com os povos em luta ou já libertados, no combate pela consolidação da democracia e da paz.

«A LIBERTAÇÃO DA MULHER É UMA NECESSIDADE DA PRÓPRIA REVOLUÇÃO»

«Neste dia 8 de Março, escolhido para ser o Dia Internacional da Mulher, queria saudar em nome do Conselho Português para a Paz e Cooperação, todas as mulheres portuguesas. Circunstâncias várias fazem com que algumas delas ainda se encontrem amarradas ao obscurantismo e à ignorância das suas responsabilidades. Mas confiamos que a necessidade de conquistar o futuro acabe por lhes fazer abrir os olhos e colocá-las ao nosso lado. Ao lado, sobre tudo, dessas extraordinárias mulheres de Portugal que lutam nos sindicatos, nas fábricas, nas empresas e em todos os sectores da sociedade por uma vida melhor e mais justa», estas as palavras com que Isabel da Nóbrega, em representação do CPPC, iniciou a sua intervenção, calorosamente aplaudida.

Antes de saudar a delegação feminina da RPA evocou as figuras de Maria Lamas e Isabel Aboim Inglês, «a quem nós, tanto homens como mulheres, tanto devemos».

Em seguida falou Joaquina Madeira, dirigente sindical da Indústria de Cerâmica, que começou por saudar em nome da Intersindical todas as mulheres portuguesas. Ao longo da sua intervenção focou o papel da mulher na luta de classes, por salários iguais, assistência social e igualdade de direitos perante a lei, «estando consciente que só a sociedade socialista poderá vir a garantir a obtenção destes direitos».

Depois de afirmar que «os Sindicatos e a Intersindical estão a criar grupos especiais de trabalho para a dinamização, consciencialização e resolução dos problemas mais urgentes da mulher portuguesa», salientou a necessidade urgente de unir todos os trabalhadores contra a avalanche das medidas antioperárias e antipopulares decretadas pelas forças do capital, ao mesmo tempo que se assiste cada vez com mais intensidade a uma arrogância do caciquismo reaccionário.

Mais adiante, referindo-se ao facto de 52 por cento da população portuguesa serem mulheres, alertou contra a sua utilização como «pasto eleitoral», por parte da direita.

Seguidamente interviu a dirigente do Sindicato Agrícola do Couço, Perpétua Charrua, que se referiu às condições dos trabalhadores agrícolas e ao abandono a que sempre foram votados pelo Governo fascista. Detendo-se em particular sobre a Reforma Agrária, denunciou as atitudes provocatórias da denominada Confederação de Agricultores Portugueses (CAP) — com «sede» em Rio Maior — que fala demasiado sobre «Reforma dos Agrários».

«A Reforma Agrária é feita não com grandes agrários, mas sim com camponeses e pequenos agricultores», concluiu a dirigente sindical.

Após a intervenção da outra sindicalista do Couço, que agradeceu calorosamente o apoio e a solidariedade militante dos trabalhadores da cidade para com os operários agrícolas empenhados na Reforma Agrária, falou a camarada Dina Almeida, da OMA, que ofereceu ao MDM um álbum com ilustrações dos massacres cometidos pelas hostes do imperialismo contra o povo angolano.

Depois de saudar entusiasticamente todas as mulheres portuguesas, a camarada da OMA — organização que segue a linha política do MPLA — declarou: «A nossa presença aqui deve-se ao facto de termos sido convidadas pelo MDM a participar nas comemorações do Dia Internacional da Mulher. Isto prova, portanto, que a mulher portuguesa e a mulher angolana, num espírito de solidariedade militante, estão engajadas na mesma luta contra a opressão e exploração».

Na sequência da sua intervenção explicou em linhas gerais o papel da OMA no contexto político-social angolano e evocou



algumas heroínas do MPLA, Deolinda, Teresa Almeida, Lucrécia, Irene Cohen e Engrácia, que foram barbaramente assassinadas pela UPA-FNLA-UNITA, em 1968, no decorrer de uma missão.

A camarada angolana foi por diversas vezes interrompida pela assistência que vitoriava o MPLA. Palavras de ordem como: «Um só povo, uma só nação, sob a bandeira do MPLA», e «A luta continua» eram vibrantemente gritadas pelas militantes e simpatizantes do MDM.

«A libertação da mulher é uma necessidade da própria Revolução», afirmou Dina de Almeida. A mulher angolana — acentuou — está profundamente comprometida na luta anti-imperialista, no combate contra o analfabetismo e o obscurantismo e empenhada na luta pela construção de uma sociedade verdadeiramente socialista onde não exista discriminação de nenhum tipo».

A encerrar a primeira parte deste comício falou, em representação do MDM, Teresa Paulo, que abordou as questões relacionadas com a organização das mulheres portuguesas. Foram ainda lidas várias mensagens provenientes de todo o país e do estrangeiro, tendo-se registado a presença de uma refugiada chilena que lembrou a onda de terror fascista imposta no Chile pelo imperialismo e que mantém nas masmorras milhares de antifascistas, homens e mulheres, torturados dia e noite pelos esbirros de Pinochet.

Durante a segunda parte actuaram a Cooperativa de Comediantes Rafael de Oliveira, que representou um fragmento da peça de Bertolt Brecht, «A Mãe» (baseada no livro de Máximo Gorki) e um duo angolano que interpretou algumas canções de luta.

EM TODO O PAÍS

As comemorações do 8 de Março estenderam-se por todo o país, nomeadamente nos distritos de Lisboa, Setúbal, Coimbra, Porto, Castelo Branco, Faro, Beja, Évora e Leiria.

Entretanto, para os próximos dias estão previstas as seguintes iniciativas:

Dia 12 — Em Alenquer: Colóquio sobre a Mulher na Luta pela Paz; no Barreiro, comício-festa com a presença da delegação da OMA, na Sociedade Recreativa «Os Penicheiros», às 21 horas;

Dia 13 — No Barreiro, Teatro Infantil no Grupo Recreativo Quinta da Lomba.

Em Sines, encerramento dos colóquios iniciados a 7 de Março

SAUDAÇÃO E APELO ÀS MULHERES PORTUGUESAS

Por ocasião do 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, o Comité Central do Partido Comunista Português dirige calorosas saudações às mulheres comunistas, a todas as mulheres democratas, independentemente das suas tendências políticas ou convicções religiosas, a todas as mulheres trabalhadoras da cidade e do campo, às operárias, camponesas, empregadas, donas de casa, intelectuais e estudantes do nosso País, e deseja-lhes saúde, êxitos e felicidades na sua vida e na sua luta pela igualdade de direitos e oportunidades, por um Portugal melhor, mais justo, livre e democrático, a caminho do socialismo.

No lar e no trabalho, em todos os domínios da actividade social, durante os longos anos da noite fascista, ao lado dos seus companheiros, as mulheres de Portugal deram uma inestimável contribuição à luta geral do nosso povo pelo pão e a liberdade, contra a repressão e a guerra, pelos direitos da mulher e pelo futuro dos seus filhos. O 25 de Abril foi também uma vitória da resistência e da luta das mulheres portuguesas, cujas heroínas jamais esqueceremos.

Nestes últimos dois anos, com o impetuoso desabrochar das energias do nosso povo, aumentou consideravelmente também a participação da mulher portuguesa em todos os aspectos da vida nacional. Todas as grandes conquistas e criações da nossa Revolução — as liberdades democráticas, o fim da guerra colonial e a descolóniação, a Reforma Agrária, as nacionalizações, o controlo operário, o movimento popular — tiveram o concurso de milhares e milhares de mulheres portuguesas, são obra e conquista sua também.

No momento político que hoje vivemos, grandes ameaças pendem sobre todos nós. Mas também grandes perspectivas se abrem à nossa frente.

As forças clandestinas da direita reaccionária desencadeiam a violência terrorista, perturbam a tranquilidade e segurança das populações, intimidam, saqueiam, incendeiam. Os partidos da direita reaccionária lançam campanhas de desinformação e mentira manipulando os grandes meios de comunicação social, põem abertamente em causa as grandes conquistas da Revolução, conspiram e intrigam contra o MFA e o movimento operário e popular, preparam-se para usar as eleições para vibrar um golpe de morte às liberdades democráticas do nosso povo. Forças de direita favorecem a recuperação dos monopolistas e latifundiários e agravam o nível de vida das grandes massas da população, aumentando em flecha os preços, congelando salários, fazendo escassear os géneros. Entre a juventude, particularmente na juventude estudantil, as corruptas forças da sociedade capitalista pretendem instalar o vício, a droga, a violência.

Todos unidos, temos de barrar o caminho ao avanço da direita reaccionária, a fim de consolidarmos a jovem democracia portuguesa e garantirmos um futuro de paz e progresso para a nossa terra.

Saudando as mulheres portuguesas, todas as trabalhadoras, o Movimento Democrático das Mulheres e outras organizações progressistas de mulheres, apelamos para que dêem cada dia um ainda maior contributo à luta de todo o povo português pela construção do Portugal melhor, livre e independente a que temos direito e a que aspiramos para os nossos filhos.

8 de Março de 1976

O COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

sobre a situação das mulheres e realizados em diversas freguesias.

Também os núcleos do MDM na Emigração em França e RFA promovem diversas iniciativas. No núcleo de Emigração, em Paris, realizou-se, dia 6 e dia 8 uma sessão político-cultural, em Champigny e em St. Ouen, com exibição do filme «O Dia da Emigrante», com intervenções e a colaboração de Páco Bandeira.

Nos 11 distritos onde o MDM está organizado, decorrerá durante esta semana, colóquios, sessões de esclarecimento, exposições de fotografia, exibição de filmes e outras formas de actividade centralizada no objectivo de mobilizar e organizar

O 8 DE MARÇO EM ALMADA

O Dia Internacional da Mulher foi assinalado no passado dia 7 em Almada com uma festa no salão da Academia Almadense, a que assistiram largas centenas de pessoas. Presentes na mesa, Dulce Rebelo e Fernanda Lapa, da Comissão Nacional do MDM, Maria Amélia, Leonor e Maria Emília, do Núcleo de Almada.

Referindo-se à luta das mulheres e mais concretamente à sua actividade organizada, Dulce Rebelo afirmou: «O MDM tem desenvolvido diversas campanhas como as de alfabetização e criação de infantários, estimulando as mulheres nas comissões de moradores e nos bairros, a solucionar os seus problemas e a encontrarem a solução indispensável para que os seus filhos sejam bem assistidos e tratados na ausência das mães».

Depois de uma breve análise ao processo político português e às eleições que se avizinhavam a militante do Movimento Democrático das Mulheres declarou já nos derradeiros momentos da sua intervenção: «O 8 de Março tem sido sempre voltado para a amizade e solidariedade com todas as mulheres do Mundo. Este ano, o MDM manifesta a sua solidariedade às mulheres angolanas, regozijando-se com a presença das delegadas da OMA, organização que luta pela promoção da mulher angolana para em conjunto participarem nas celebrações do 8 de Março».

Mas o comício-festa do MDM em Almada não ficou por aqui. A parte cultural que então se seguiu registou a presença de Fernanda Lapa, Luísa Basto, Carlos Paredes e de um grupo de Pioneiros da margem sul.

NA MARINHA GRANDE

Na passada segunda-feira, o MDM promoveu na Marinha Grande um colóquio sobre Sindicalismo que principiou às 21 e 30. Esta sessão, que se integrou nas comemorações do Dia Internacional da Mulher, contou com a presença de Filomena Carvalho Santos e Beatriz Santana, ambas do Secretariado da Intersindical Nacional.

● O Partido Socialista Italiano anunciou o seu rompimento com a Democracia Cristã. No discurso de encerramento do Congresso do PSI, o seu secretário-geral afirmou: «A nossa estratégia tem de ser a de criar uma maioria de esquerda que relegue os democratas-cristãos para a oposição». Esta posição do PSI, que levará naturalmente a antecipação das eleições parlamentares, terá muito provavelmente como consequência uma grande subida de votos dos dois partidos.

● O «Grupo Latino-Americano» propôs à Comissão das Nações Unidas um código de conduta para as multinacionais que as vincularia a observar pontos fundamentais em relação aos países onde operam, tais como: submeter-se às leis e regulamentos do país receptor, abster-se de toda a ingerência nos assuntos internos dos Estados onde desenvolve as suas actividades, não perturbar relações entre Estados, não servir de instrumento da política externa de outro Estado, sujeitar-se à soberania permanente do país anfitrião sobre todas as suas riquezas nacionais, submeter-se aos objectivos e prioridades nacionais de desenvolvimento, fornecer ao país receptor informação sobre a sua actividade, conduzir as suas operações em benefício do país receptor, abster-se de práticas comerciais restritivas, respeitar a identidade socio-cultural do país receptor.

● Os guerrilheiros rodesianos formaram um comando conjunto e deixaram de reconhecer as divisões no Congresso Nacional Africano (ANC), do seu país. O Comando Supremo Único é composto por nove representantes da antiga ZANU e outros nove da antiga ZAPU. A sua formação permitirá um novo impulso na luta libertadora na Rodésia.

● O primeiro-ministro canadiano Pierre Trudeau declarou que o seu governo, dentro em breve, subtrairá a Constituição canadiana à autoridade da Grã-Bretanha. A Constituição canadiana está confiada ao Parlamento britânico desde a formação da Confederação Independente do Canadá, em 1867. Ficou então estabelecido que este território não pode alterar a Constituição sem a aprovação do Parlamento britânico.

● A Aliança Anti-Comunista Argentina (AAA), continua a sua senda do crime. Um casal e uma filha foram mortos com requintes de sadismo. A AAA, organização da extrema-direita já assassinou desde há dois anos, quando apareceu na cena política argentina, quase dois milhares de militantes e simpatizantes de organizações de esquerda.

● Os Estados Unidos revelaram que tinham posto fim a um embargo sobre fornecimentos comerciais à República Popular de Angola. Assim, agora não existe oposição para que sejam concedidas licenças de exportação americanas para dois aviões de passageiros já pagos pela TAG, a companhia de transportes aéreos de Angola. O governo dos Estados Unidos tinha bloqueado a venda dos aviões.

● A população mundial aumentou em 72 milhões de pessoas, passando para 3890 milhões nos doze meses até meados de 1974, segundo revelaram as Nações Unidas. Metade da população total vive na Ásia, enquanto a África mostra a média mais rápida de aumento.

● Mais de 200 documentos ultra-secretos da CIA desapareceram em Washington. 13 desses documentos estavam relacionados com as conversações soviético-americanas sobre a limitação de armas estratégicas. Desapareceram igualmente documentos que continham informações confidenciais sobre um golpe em Portugal e sobre companhias que são propriedade da CIA.

● Cerca de sete mil mineiros bolivianos fizeram uma greve de 72 horas em apoio de estudantes universitários que exigem reformas no ensino superior e a libertação de colegas presos. Os mineiros pretendem também uma amnistia geral de presos e exilados políticos.

● Em Medellín, na Colombia, morreu um estudante e outros ficaram feridos durante uma manifestação de protesto contra a política educacional do Governo.

● As autoridades de Kinshasa encerraram a sede da FNLA no Zaire.

● O Comité Central do Partido Comunista Brasileiro propôs a elaboração de uma plataforma comum de todas as forças antifascistas e patrióticas para se opor à política de traição nacional do regime brasileiro. O programa da Frente Patriótica contra o fascismo, proposto pelo PCB, assenta em seis pontos fundamentais: luta pelas liberdades democráticas, defesa das reivindicações imediatas da classe operária e todos os trabalhadores e por melhores condições de vida para as massas populares, defesa dos interesses específicos das camadas médias e sectores não monopolistas, defesa dos interesses nacionais contra a acção espoliadora dos monopólios imperialistas, reconversão das Forças Armadas em instrumento de defesa nacional e garantias do desenvolvimento do país, política de paz e desanuviamento.

● As autoridades vietnamitas emitiram um novo mapa oficial do Vietnam que elimina a fronteira entre o Norte e o Sul pela primeira vez em 22 anos. Embora a reunificação formal só se verifique após as eleições nacionais de 25 de Abril, a maioria dos vietnamitas consideram-na já como um facto consumado.

● A segunda cidade do Peru, Arequipa, no sul do país, esteve praticamente paralisada por uma greve reaccionária. Arequipa é o centro mais reaccionário do país, onde o partido APRA mantém maiores raízes. Foi de Arequipa que partiu, em 1971, o movimento que terminou sendo a maior tentativa de derrube do governo militar revolucionário.

Os defensores do capitalismo

“O capitalismo americano encontra-se numa excelente posição para ‘modernizar’ as indústrias, aumentar a sua produtividade e diminuir os preços dos produtos, mantendo um alto nível de desemprego e fazendo baixar os custos sociais de produção por meio de isenções fiscais à escala local e nacional” — este o absurdo que se pode ler numa pretensa “análise de esquerda” sobre o imperialismo yanqui, que “O Mundo Diplomático” insere nas suas páginas.

Que se mantém alto — e cada vez mais alto — o nível do desemprego nos EUA, não constitui novidade para ninguém. Mas surge de imediato a questão, talvez própria de “leigos”, de gente mais ligada ao dia a dia que se vive na terra e não no mundo das teorias desenraizadas, vogando pelo espaço (questão que não parece preocupar excessivamente o douto autor de tão “profunda” análise) — se os Estados Unidos tem tão boas condições para aumentar a produtividade e diminuir os preços dos produtos, porque não o fazem? Porquê a inflação? E a recessão?

A visível decadência do mundo capitalista face ao florescimento do socialismo, gerou naturalmente múltiplas teorias em que se pretende defender a sua putrefacta estrutura, embelezá-la, se possível apontá-la como eterna. Não há nisso nada de surpreendente. É recurso próprio de regimes caducos. Justifica-se hoje tanto mais quanto ganha progressivamente em importância a luta ideológica, que constitui neste momento vasta base da luta de classes que se desenrola a nível internacional e nacional.

Todas estas teorias se baseiam na total deformação dos factos, na viciação de argumentos e raciocínios, na calúnia. Umas vão morrendo depois de rebatidas e desmascaradas. Nascem outras com novos argumentos. Repinta-se com outras cores teorias estafadas.

Ao pretender-se defender a força abalada do imperialismo americano, em nome de uma pretensa objectividade, são mais latos os objectivos e as repercussões de tal defesa.

Primeiramente — a tão decantada independência de opiniões constitui de facto uma farsa. As teorias, a ideologia, estão sempre vinculadas a uma opção de classe. A sua justeza depende da opção assumida.

Segundo — defender neste momento o imperialismo americano — cabeça de todo o sistema capitalista mundial — representa de facto defender o próprio sistema capitalista.

A argumentação utilizada com esse fim é por si profundamente significativa.

Assim, a base da força e da “capacidade de recuperação” do imperialismo americano estaria na sua possibilidade de transformar derrotas em vitórias. E essa possibilidade dever-se-ia a um *pretensio imobilismo do operariado americano*.

É evidente que todas estas teorias acentam, em última análise, num profundo desprezo pelas massas populares, na ignorância e subestimação das lutas das classes trabalhadoras.

Os trabalhadores de todo o mundo não desconhecem as lutas tão dificilmente travadas no seio do baluarte do imperialismo. As grandes batalhas por melhores condições de vida. A luta abertamente política. Não desconhecem o papel insubstituível desempenhado pelo povo americano, em particular pela sua juventude, contra a criminoso guerra do Vietnam. Papel que foi justamente ressaltado pelo camarada Ho Chi Min.

Mas os teóricos do capitalismo nunca poderiam lamentar de boa fé um imobilismo inexistente, que só os regozijaria. Com tais afirmações pretende-se visar mais longe. Insinuar o que não convém explicitar por completo.

Assim, não se conclui que seria desejável uma activação da luta do operariado americano. Conclui-se sim que tal “desequilíbrio” beneficia os EUA em relação aos outros centros do capitalismo mundial — a Europa do Mercado Comum e o Japão — e que a luta do operariado europeu constitui uma das bases de apoio dos “progressos” do imperialismo americano!

O absurdo é evidente. Como o é o invólucro de classe deste tipo de “objectividade” pretensamente científica.

Mais evidente ainda quando se verifica que os centros fundamentais de luta pelo progresso e por transformações radicais a nível mundial — o mundo socialista e a sua consequente política externa de desanuviamento e de criação de novas relações internacionais, as lutas do operariado do mundo capitalista, a luta dos movimentos de libertação e dos países em vias de desenvolvimento contra a dominação neocolonial das multinacionais — são considerados em bloco como os “pontos de apoio mais sólidos” do imperialismo yanqui.

Sob o manto da objectividade salpicado de fraseologia de esquerda, é difícil falar uma linguagem mais clara, patentear melhor objectivos abertamente reaccionários.

E de facto desmesuradamente grande a capacidade dos teóricos do capitalismo para transformarem amargas derrotas em fulgurantes vitórias.

O crescente movimento dos países subdesenvolvidos para se libertar da sanguessuga das multinacionais — movimento que tem conhecido oscilações e hesitações, mas que tem vindo a ganhar progressivamente em envergadura e se torna cada vez mais consequente, movimento contra o qual a Casa Branca tem lutado sob as mais diversas formas, sem entretanto alcançar os seus objectivos — é apontado como faceta das manobras da Casa Branca contra os seus concorrentes da Europa e da Ásia! A estrondosa vitória do heróico povo vietnamita aparece como “reabsorvida” na boca dos teóricos do capital — teria permitido um reforço do Exército americano, uma maior capacidade de intervenção militar dos EUA e o consequente reforço do seu poderio (ignora-se por completo os frutos do ascenso revolucionário mundial, da batalha da paz, que limitam seriamente tal “capacidade de intervenção”).

Os progressos na política de coexistência e desanuviamento — contra a qual Washington se tem batido muito particularmente (quer no campo militar quer no campo económico) — surge pela pena destes senhores como mais uma manobra do capital yanqui, que lhe permitiria explorar novas possibilidades económicas, suplantando os concorrentes (que como se sabe mantém mais

estritas relações económicas com os países socialistas — os teóricos do capital não se preocupam com estas “ninharias”), reforçar a sua influência no seio do mundo capitalista. A que se acrescenta a batida calúnia (a dar o toque de “esquerda”) de compromisso dos “partidários do desanuviamento” em não dar apoio aos movimentos revolucionários dos países capitalistas. E o absurdo de uma “invasão” económica do mundo socialista.

A crise geral do capitalismo é uma realidade inofismável em todos os continentes, onde impera ainda o poder do capital. É difícil desmentir os números que vêm todos os dias ao conhecimento público, e que nos falam de desemprego, de recessão, de inflação. Por isso tais números não são citados pelos teóricos do capital. Não lhes interessa a linguagem da verdade. Interessa sim montar teorias pretensamente objectivas, em que a realidade seja virada de pernas para o ar, as reais derrotas do imperialismo sejam transformadas em vitórias, constituindo assim factor de desmoralização da luta das massas, se ataquem criteriosamente as bases da grande batalha pelo progresso e pela paz.

Estão dentro da sua lógica. Compete às forças progressistas desmascarar os falsos doutores, os “iluminados”, que sob uma face “objectiva” ou mesmo “revolucionária”, encobrem o rosto sinistro da reacção.

Os EUA e os socialistas franceses

A intervenção descarada do imperialismo americano nos problemas internos dos outros países, pode-se considerar já proverbial. Assumindo embora formas diversas, ela é uma realidade permanente sempre e onde se podem encontrar em perigo os interesses do capital.

A evolução que se tem vindo a verificar ultimamente no continente europeu é de molde a preocupar seriamente o sistema capitalista mundial. A liquidação do fascismo em Portugal constitui um dos mais sérios golpes para a política do imperialismo na Europa e em África. A despeito da sua evolução posterior, o derrubamento do regime dos coronéis na Grécia criou novas e mais favoráveis condições de luta ao povo grego, e representa assim uma outra derrota para o mundo do capital. A luta da classe operária nos principais países desenvolvidos da Europa, em particular na França e em Itália, constitui ameaça permanente à política imperialista.

Nas vésperas de mais um período eleitoral em França, num momento em que é cada vez maior a consciência do povo francês de quem são os verdadeiros causadores da situação da crescente penúria e agravamento de dificuldades a que se vê sujeito, o programa e a prática de unidade de esquerda, a despeito de todas as suas oscilações, constitui uma alternativa real para a actual situação política. Abre novas perspectivas às massas trabalhadoras francesas no caminho de uma sociedade socialista.

O capital está em perigo em França. Com um

flagrante despudor, Washington apressa-se a intervir. Joga na velha tecla do divisionismo.

Um diplomata dos Estados Unidos aconselhou membros responsáveis do Partido Socialista Francês a quebrarem o programa de unidade com o Partido Comunista Francês. O diplomata norte-americano disse que o seu país estava preocupado com a união dos socialistas com os comunistas, que confere à esquerda uma posição de força com vista às próximas eleições. O comandante-chefe da NATO, general Alexandre Haig, expressou entretanto a sua preocupação (e naturalmente não se referia só à França), que os comunistas nos governos da Europa Ocidental colocariam em perigo aquela organização.

Em resposta clara e inequívoca a inadmissível ingerência estrangeira nos problemas internos de França e na política adoptada por partidos de esquerda, François Mitterrand, secretário-geral do Partido Socialista Francês, declarou numa entrevista radiofónica: «Os socialistas franceses escolheram a estratégia da união da esquerda e tencionam governar dentro do espírito desta aliança».

A unidade de todas as forças interessadas em pôr fim ao poder da reacção e do capital, foi sempre base fundamental para novos passos na via do progresso e do socialismo.

A evolução do capitalismo, o seu processo de decadência, a centralização do poder económico nas mãos dos monopólios, as tendências fascizantes que se geram em defesa do capital, alargam extraordinariamente a base social em que se apoiam as forças e organizações progressistas.

Face a essa realidade, redobram os esforços das forças reaccionárias para meter unhas entre aqueles que têm interesses comuns a defender, pelo obscurantismo e pela ignorância, pela deformação da realidade, utilizando personalidades e dirigentes que traíram os fins que dizem defender.

A desarticulação da esquerda como todo unido com vista a objectivos comuns — é uma constante dos esforços da direita.

O trabalho de unidade é sempre particularmente difícil. Exige a superação de todas as divergências de pormenor, a subalternização do que pode dividir face ao que une (sem que isso signifique qualquer cedência política de fundo). Torna-se tanto mais difícil quanto elementos objectivamente ao serviço da reacção o tentam minar por dentro.

Temos em Portugal uma experiência dolorosamente rica do preço que se paga pela divisão das forças democráticas, do significado da traição de dirigentes presentemente de esquerda. Campo em que é ampla a experiência mundial das forças progressistas e que já levou à liquidação das esperanças imediatas de um futuro melhor para vários povos.

Apesar de todas as suas dificuldades, o exemplo que foi neste momento dado pela unidade da esquerda em França, por uma resistência a pressões externas de que nem todos os Partidos Socialistas se podem gabar, deveria ser estudado e considerado como exemplo para aqueles que aqui semeiam de entraves o caminho dessa unidade. Entraves que podem ter consequências dificilmente superáveis.

O povo português não lhes perdoaria tal enquietação política.



**Documentos
Políticos
do Partido
Comunista
Português**

*à venda na Banca das Edições Avante!
na Conferência Nacional do Partido*

ÁLVARO CUNHAL

**A CRISE
POLÍTICO-MILITAR**

DISCURSOS POLÍTICOS/5

(Maio/Novembro 1975)

*edições
Avante!*

Expressão da luta da classe operária e de todos os trabalhadores portugueses pela defesa e consolidação das suas conquistas maiores — liberdades democráticas, Reforma Agrária, nacionalizações e controlo operário — os discursos de Álvaro Cunhal traduzem ao mesmo tempo os esforços incansavelmente desenvolvidos pelo PCP para uma solução política da crise que ameaçava o prosseguimento da revolução portuguesa.

A intervenção do secretário-geral do PCP na Reunião do Comité Central em 10 de Agosto de 1975, agora publicada pela primeira vez integralmente, testemunha da verdadeira política do PCP, é um claro desmentido das insinuações, deformações e calúnias propagandeadas, ontem e hoje, por todos aqueles que estão apostados em deter e fazer retroceder a marcha do povo português para a democracia e o socialismo.



**GRANDE
BANCA
das
edições
Avante!**

na
Conferência
Nacional
do PCP

●
Ofertas especiais
aos Delegados
e Convidados

●

**Assinaturas
Informações
Vendas**

●

Obras Escolhidas de Lenine
em três volumes
360\$00 — 300\$00

●

Obras Escolhidas de Marx-Engels
em três volumes
300\$00 — 250\$00

●

Medalhado do PCP
300\$00 — 150\$00

●

Discursos Políticos
— Álvaro Cunhal
140\$00 — 100\$00

URSS: AS GRANDIOSAS TAREFAS DE UM POVO NAS METAS A ALCANÇAR PELA HUMANIDADE

A economia da sociedade socialista desenvolvida, com o seu inigualável potencial produtivo e técnico-científico, permite aproveitar cada vez mais amplamente as vantagens e possibilidades do sistema socialista, através de um vasto programa de desenvolvimento social e de elevação constante do nível de vida

O 25.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética encerrou os trabalhos numa demonstração evidente de grande energia militante e de unidade inquebrantável entre o Partido e o Povo. Unidade e coesão foram também notas salientes da grande assembleia do órgão supremo do PCUS e de toda a organização do Partido de Lénine. Durante dez dias, em mais de centena e meia de intervenções dos delegados nacionais e dos convidados estrangeiros foi salientado com grande relevo o internacionalismo socialista e a solidariedade activa com todos os povos, no último quinquénio, que continuou e continuará a ser obra comum dos 254 milhões de habitantes das 15 Repúblicas da URSS. Releito o secretário-geral do PCUS, o camarada Leonid Ilich Bréjnev declarou no discurso de encerramento:

«Aqui, nesta tribuna, bem como nos numerosos comícios e reuniões em várias cidades do país, os nossos irmãos de classe de outros países pronunciaram palavras cordiais dirigidas ao PCUS, ao País dos Soviéticos, ao nosso povo. Salientaram a missão histórica do PCUS, que abriu aos povos o caminho para o socialismo e o comunismo. Fizem ressaltar o papel que o nosso país desempenha na luta pela paz para todos os povos.»

Sentimo-nos gratos por essas palavras — prosseguiu o secretário-geral do PCUS — e queremos, pelo nosso lado, asseverar aos comunistas, aos trabalhadores e a todos os combatentes pela liberdade nacional e social de todos os países que os comunistas e todos os povos da União Soviética continuarão a estar à altura das suas tarefas internacionalistas.»

A importância do congresso ultrapassou largamente, e ainda mais do que era habitual em congressos anteriores, as fronteiras imensas da União Soviética. Os trabalhos do órgão supremo do Partido de Lénine tiveram repercussões no mundo inteiro e a sua influência benéfica para a libertação dos povos não pode ser posta em dúvida. A própria imprensa capitalista, ao serviço da reacção internacional, apesar das calúnias habituais que tiveram a também habitual repercussão em Portugal, através de órgãos que insistem em se afirmar isentos e independentes, não conseguiu esconder, até pelo excesso das falsidades e deturpações, a forte projecção mundial do 25.º Congresso do PCUS, que definiu novas metas na luta pelo aumento das capacidades e da força da URSS, elevando o nível de vida e aperfeiçoando toda a vida social do povo soviético.

A LUTA PELA PAZ

Como assinalou o camarada L. I. Bréjnev, «o Congresso determinou também novas tarefas concretas no terreno da política externa, na luta pela paz, a cooperação internacional, a liberdade e a independência dos povos». Significativa e com provas dadas no xadrez mundial é, entre muitas outras, esta passagem do Relatório do CC aprovado há dias por unanimidade e aclamação:

«Uma das direcções principais da actividade política externa do CC do PCUS e do Governo Soviético foi e continua a ser, tal como exige o Programa de Paz, a luta pela cessação da corrida aos armamentos e pelo desarmamento. Hoje esta tarefa apresenta-se de forma mais aguda do que em qualquer outra época. A humanidade está cansada de viver sobre montanhas de armas e a corrida aos armamentos, instigada pelos círculos agressivos do imperialismo, intensifica-se.»

O motivo principal, apresentado pelos partidários da corrida aos armamentos, é a chamada ameaça soviética. Este motivo é utilizado, tanto no momento em que se precisa fazer aprovar um orçamento militar mais elevado, cortando nas despesas com as necessidades sociais, como quando são preparados novos tipos de armas mortíferas e quando se tenta justificar a actividade militar da OTAN. Na realidade, como é natural, não existe qualquer ameaça soviética nem para o Ocidente, nem para o Oriente. Tudo isso é uma monstruosa mentira do princípio ao fim. A União Soviética não pretende atacar seja quem for. A União Soviética não necessita de guerra. A União Soviética não aumenta o

das grandiosas realizações económicas do último quinquénio, além de proverem a unidade de objectivos do Partido e do Povo, são um poderoso manifesto do trabalho pacífico ao serviço do homem e não ao serviço da sua destruição.

económica, ao estrito respeito pela disciplina de Estado e de Trabalho, à envergadura da emulação socialista e do movimento para a atitude comunista a assumir perante o trabalho».

«O relatório sobre as orientações

OS DIRIGENTES DO PCUS

Por unanimidade, como sucedeu com todas as decisões do XXV Congresso, foi eleito o Comité Central que, por sua vez, elegeu o secretário-geral do PCUS, o camarada Leonid Ilich Bréjnev. Para o Bureau Político do CC foram eleitos os camaradas: L. I. Bréjnev, Y.V. Andropov, A.A. Gréčko, V.V. Grishin, A.A. Gromyko, A.P. Kirilenko, A.N. Kossiguine, F.D. Kulakov, D.A. Kunaev, K.T. Músurov, A.Y. Pelche, N.V. Podgorni, G.V. Románov, M.A. Súslov, D.F. Ustinov e V.V. Cherbítski. Membros suplentes do Bureau Político são os camaradas G.A. Aliev, P.N. Demichev, P.M. Macherov, B.N. Ponomáriov, Ch.R. Ráchidov, M.S. Solóntsev. Para secretários do CC do PCUS foram eleitos os camaradas L.I. Bréjnev, M.A. Súslov, A.P. Kirilenko, F.D. Kulakov, D.F. Ustinov, B.N. Ponomáriov, I.V. Kapitónov, V.I. Dolguji, K.A. Kátushev, M.V. Zimlínin, K.U. Cherenko. Para presidente do Comité de Controle do Partido, junto do CC do PCUS, foi designado o camarada A.Y. Pelche. A Comissão Revisora Central do PCUS elegeu para seu presidente o camarada G. F. Sizov.

O final do Congresso foi assinalado pelos debates sobre a política económica do Partido e do Estado. Ao fazer o balanço final dessa discussão, o camarada Kossiguine, presidente do Conselho de Ministros da URSS e membro reeleito do Bureau Político do PCUS, afirmou:

«Ao mesmo tempo que organizamos o trabalho com vista a levar a cabo as tarefas grandiosas do Plano, devemos fazer tudo para que essas tarefas se tornem a fonte permanente da actividade criadora de todos os trabalhadores

económicos do partido, foi aprovado por unanimidade, junto com as emendas a introduzir. As decisões nesse campo terão uma importância enorme na vida da sociedade soviética. «Definir o conteúdo concreto da política social e económica, de toda a actividade do partido e do povo na construção da base material e técnica do comunismo, no decorrer do novo quinquénio» — asseverou o camarada Alexei Kossiguine.

O CAMPO NA PRIMEIRA LINHA

Embora a imprensa reaccionária se aplique a denegrir o avanço da agricultura na União Soviética, os êxitos ao serviço dos trabalhadores foram também relevantes nesse campo, no decorrer dos últimos cinco anos.

Sem esquecer as deficiências ainda existentes, criticadas com clareza e decisão dentro e fora do Congresso, sobretudo no que respeita ao fornecimento de meios técnicos mais aperfeiçoados e distribuídos com mais rapidez à agricultura, «crescem a ritmos elevados as receitas dos trabalhadores do campo. As suas condições de vida aproximam-se muito das urbanas. O campo está cada vez mais abastecido de artigos de uso cultural e doméstico» — assinala o relatório económico do CC do PCUS.

Para citar apenas alguns dados, actualmente «quase todos os colchozes e sovecozes do nosso país estão electrificados e, no fundamental, recebem energia eléctrica das centrais do Estado. No ano passado, foi consumida na agricultura 3,5 vezes mais energia eléctrica do que em 1965 e mais 1,5 vezes do que todo o consumo de

energia eléctrica na URSS, nas vésperas da II guerra mundial». As condições de vida da população rural modificaram-se radicalmente. Noventa e nove por cento das casas dos trabalhadores rurais têm electricidade. Muitas dezenas de milhares de povoações rurais dispõem de gás. A maioria dos trabalhadores agrícolas tem rádio e televisão em casa. «Aproximadamente metade dos habitantes rurais activos possui instrução secundária ou superior, completa ou incompleta» (antes da guerra, só uma em dezasseis pessoas é que assim estava habilitada).

Mas os índices estatísticos não bastam para medir as transformações profundíssimas na vida do campo e as suas consequências sociais que reflectem a etapa qualitativamente nova do desenvolvimento da produção socialista.

«O mundo do socialismo dá resposta aos problemas radicais do desenvolvimento social — assinala o relatório apresentado pelo camarada A. Kossiguine. Os congressos já realizados pelos partidos irmãos dos países socialistas, o 25.º Congresso do nosso partido leninista e os preparativos para os congressos em outros países mostram convincentemente que a comunidade socialista tem perspectivas claras de desenvolvimento, baseadas no crescimento permanente da economia planificada. Os nossos objectivos e planos criadores, a nossa política para muitos anos, são expostos publicamente perante todo o mundo porque todos eles correspondem aos interesses das amplas massas trabalhadoras, aos interesses da causa da paz e do progresso social. Os nossos problemas, sejam quais forem as suas dimensões, são e serão solucionados no interesse de toda a sociedade e estamos convictos do êxito da grande causa do comunismo».

HABITAR MAIS E MELHOR

Os resultados obtidos em 1975, ano final do 9.º plano quinquenal, são o ponto de partida para uma reflexão e um estudo sobre o esforço efectuado e os êxitos alcançados no decorrer desse plano e permitem tirar conclusões quanto à criação das condições indispensáveis para a realização de novas tarefas, durante o próximo plano quinquenal.

A semelhança do que aconteceu



Primeiro homem a observar a Terra do espaço cósmico aberto, o cosmonauta A. Leónov, herói da União Soviética e delegado ao 25.º Congresso do PCUS, encontrou-se com a delegação do nosso Partido num intervalo das sessões. A simpatia e a amizade demonstrada pelos comunistas portugueses, pelo nosso povo e por todas as forças democráticas e progressistas do nosso País teve uma expressão calorosa nas palavras que dirigiu ao camarada Álvaro Cunhal no encontro que a gravura documental. O alto apreço pela revolução democrática em Portugal, pela sua defesa e consolidação ficaram bem patentes numa declaração que o camarada Leónov (o 2.º a partir da esquerda na gravura) fez ao «Avante!», saudando o PCP, o seu órgão central e todos os democratas e progressistas interessados na completa destruição do perigo fascista e na construção de uma sociedade democrática a caminho do socialismo.

elevado número de casas de habitação construídas — uma superfície total de 550 milhões de m² — representando, para 11 milhões de pessoas, uma acentuada melhoria nas suas condições de habitação.

Por outro lado, esse facto demonstra que na URSS se constrói actualmente mais do que na Grã-Bretanha, França, República Federal da Alemanha, Itália e outros países do «Mercado Comum», tomados em conjunto.

E a partir deste ano até 1980, entre outros objectivos, aumentará 1,3 vezes o volume da produção dos materiais de construção, incluindo o cimento que atingirá uma

das habitações, assegurando às mesmas uma grande duração, conforto e beleza arquitectónica, são outros tantos objectivos propostos para o ramo da construção. Por fim está ainda previsto reduzir o valor do orçamento da construção em 3/5 por cento e os investimentos específicos de capitais pelo aumento da produção em pelo menos 5 por cento, assim como reduzir em 6/8 por cento, em cinco anos, a parte dos trabalhos de projecto e prospecção no preço de custo da construção.

Entem, como hoje, manifesta-se assim e sempre com redobrada força, o papel directivo do PCUS e a sua capacidade organizativa e política na mobilização do povo, com vista à realização das tarefas culturais e económicas na via da edificação do comunismo na União Soviética.

DESAFOGO E BEM ESTAR

A energia dedicada ao trabalho e o esforço constante para aumentar e melhorar a produção são compensadas. O nível de vida do povo soviético aumentou substancialmente durante o último quinquénio. O programa social traçado pelo XXIV Congresso (1971) foi cumprido. Cresceu o bem estar de toda a população, ao mesmo tempo que se dedicou especial atenção a elevar o nível de vida dos trabalhadores com remuneração mais baixa.

«O salário médio mensal em dinheiro dos operários e empregados aumentou, durante os últimos cinco anos, em 20 por cento», bem como as regalias proporcionadas pelos fundos sociais, que contribuem substancialmente para o crescimento dos salários reais dos trabalhadores. Aumentaram também as pensões de velhice e de invalidez para todos os operários, empregados, colchozianos e militares. A quantidade das bolsas de estudo é hoje muito maior nos centros docentes superiores, nas escolas de ensino médio e nas escolas técnicas, onde foram também adoptadas outras medi-

das benéficas para os estudantes. Na União Soviética, os rendimentos reais por habitante duplicam aproximadamente de quinze em quinze anos. Dito por outras palavras — revela o relatório do camarada Kossiguine — «ao longo da vida humana, a sociedade socialista passa várias vezes a um nível de consumo qualitativamente novo».

De 1971 a 1975 — prossegue o relatório económico do CC — o comércio a retalho dos produtos alimentares e artigos industriais de base aumentou 36 por cento. Aumentou com maior rapidez a venda de carne e derivados, ovos e outros alimentos. Atingiu grandes proporções a venda de móveis, televisores, aparelhos de rádio, máquinas de costura e de lavar, frigoríficos, relógios e outros bens de uso duradouro. A venda de automóveis à população alcançou quase um milhão de unidades por ano, o que representa mais 600 por cento do que em 1970».

Desenvolveram-se todos os tipos de transportes e comunicações. Os serviços deste género melhoraram para toda a popu-

ação. O movimento de cargas em todos os tipos de transporte aumentou 36 por cento nos últimos cinco anos.

O INTERNACIONALISMO ACTUANTE

«Estas palavras do relatório económico do CC do PCUS tiveram inteira confirmação por parte das delegações estrangeiras ao Congresso. A União Soviética encontrou em todos os delegados, em todos os altos representantes dos países socialistas, dos partidos irmãos e das outras forças democráticas e progressistas presentes em Moscovo a inequívoca concordância com a sua política, com as manifestações concretas da solidariedade com todos os povos do mundo, do internacionalismo afirmado na prática diária, na ajuda indispensável à construção de um mundo livre da opressão e da miséria.»

«O 25.º Congresso do PCUS foi um congresso profundamente in-

ÍNDICES MAIS IMPORTANTES DO DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA SOVIÉTICA NO DÉCIMO QUINQUÉNIO

	1975	1980 (Projecto) em mil milhões de rublos	Aumento nos anos de 1976-1980	
			mil milhões de rublos	percentagem em relação a 1975
Rendimento nacional (na base dos preços de 1973)	362	449-462	87-100	24-28
Fundo de Consumo	226	337-344	71-78	27-29
Fundo de Acumulação	96	112-118	16-22	17-23
Produção da Indústria (na base dos preços de 1 de Julho de 1967)	523	710-729	187-206	35-39
Produção do grupo «A» (produção do grupo «B» - produção da agricultura (volume anual médio do quinquénio, em preços de 1965))	91	104-106	13-15	14-17

por ALBANO LIMA nosso enviado especial

seu orçamento militar. Não reduz, antes reforça continuamente, as verbas para a elevação do bem estar do povo. O nosso país — lembra o Relatório do CC do PCUS — trava uma luta consequente e inabalável pela paz e apresenta constantemente propostas concretas que visam a redução das armas e o desarmamento.

Os comunistas soviéticos orgulham-se de ter assumido a difícil mas nobre missão de estar na primeira fila dos combatentes pela libertação dos povos que enfrentam os perigos relacionados com a continuação da corrida aos armamentos. O nosso partido — sublinha o CC do PCUS — exorta todos os povos e todos os países a unificarem os seus esforços a fim de acabar com este processo nefasto. O nosso objectivo final, neste campo, foi e continua a ser o desarmamento geral e completo».

Estas afirmações que a prática tem confirmado sem lugar a dúvidas ficaram bem presentes na memória de todos os que seguiram os trabalhos do 25.º Congresso com alguma atenção. Não são meia dúzia de falsidades que conseguem quebrar-lhes a força e desmentir os factos de alcance mundial, num período de crise aguda do imperialismo, habituado a fazer pagar as crises que o tormenta e lhe são próprias com milhões de vítimas entre os trabalhadores pacíficos.

A SOLIDARIEDADE É INCONFUNDÍVEL

Outra prática, aliás, confirma a via pacífica e de desenvolvimento constante do homem soviético. É a prática económica, interna e externa, que teve um relevo inconfundível no Congresso. A construção do comunismo repele qualquer atitude agressiva e expansionista, quer por meios militares, quer através da ingerência nos assuntos internos de outros países. Solidariedade internacional e internacionalismo socialista são uma coisa, agressão armada e ingerência perniciosas constituem uma outra bem diferente e são o pão de cada dia para o imperialismo. A poeira, que caluniadores e renegados pretendem lançar, não chega para confundir os povos, para colocar no mesmo prato da balança os amigos e os inimigos.

O Relatório do Camarada A. Kossiguine, que trata da orientação económica da URSS para os próximos cinco anos e o anúncio



Moscovo, 25 de Fevereiro. Segundo dia de um Congresso memorável. Na 1.ª fila, da esquerda para a direita, os camaradas Gustav Husak, secretário-geral do Partido Comunista da Checoslováquia; Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP; Fidel Castro Ruz, primeiro secretário do CC do Partido Comunista de Cuba; Willi Stoph, membro do Bureau Político do Partido Socialista Unificado da Alemanha (RDA); Erich Honecker, primeiro secretário do CC do mesmo Partido; e Le Duan, primeiro secretário do CC do Partido dos Trabalhadores do Vietname